



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

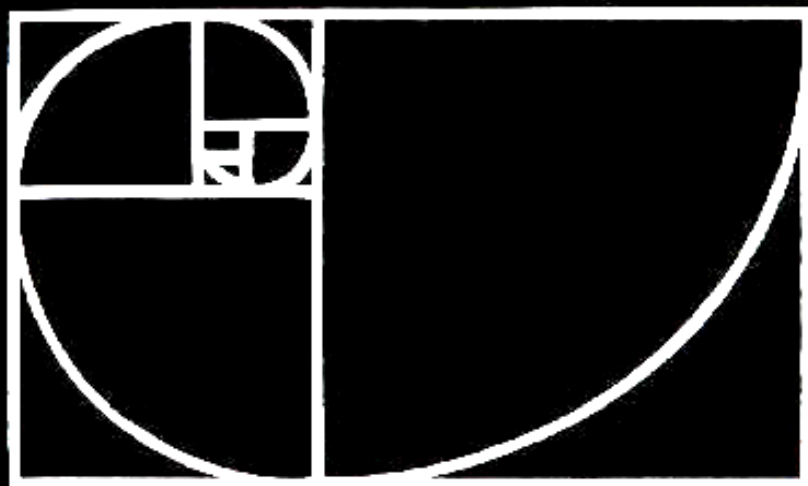


CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

*DEPARTAMENTO DE
EXPRESSÃO GRÁFICA*

CURSO DE DESIGN

TEORIA DA FORMA



Prof. Dr.
Isaac A. Camargo

INTRODUÇÃO À TEORIA DA GESTALT 2

Discutindo a relação figura-fundo

Para que uma imagem
seja identificada como tal,
depende da distinção
entre os diferentes
elementos que a
constituem como todo
visível

Logo, é de se supor, que
haja um mecanismo
visual capaz de distinguir
o que deve e o que não
deve ser destacado
dentro de um dado
conjunto de informações
luminosas

Parte deste mecanismo
pode ser a delimitação
de fronteiras ou bordas
visuais em que se
estabelecem limites entre
uma configuração e outra

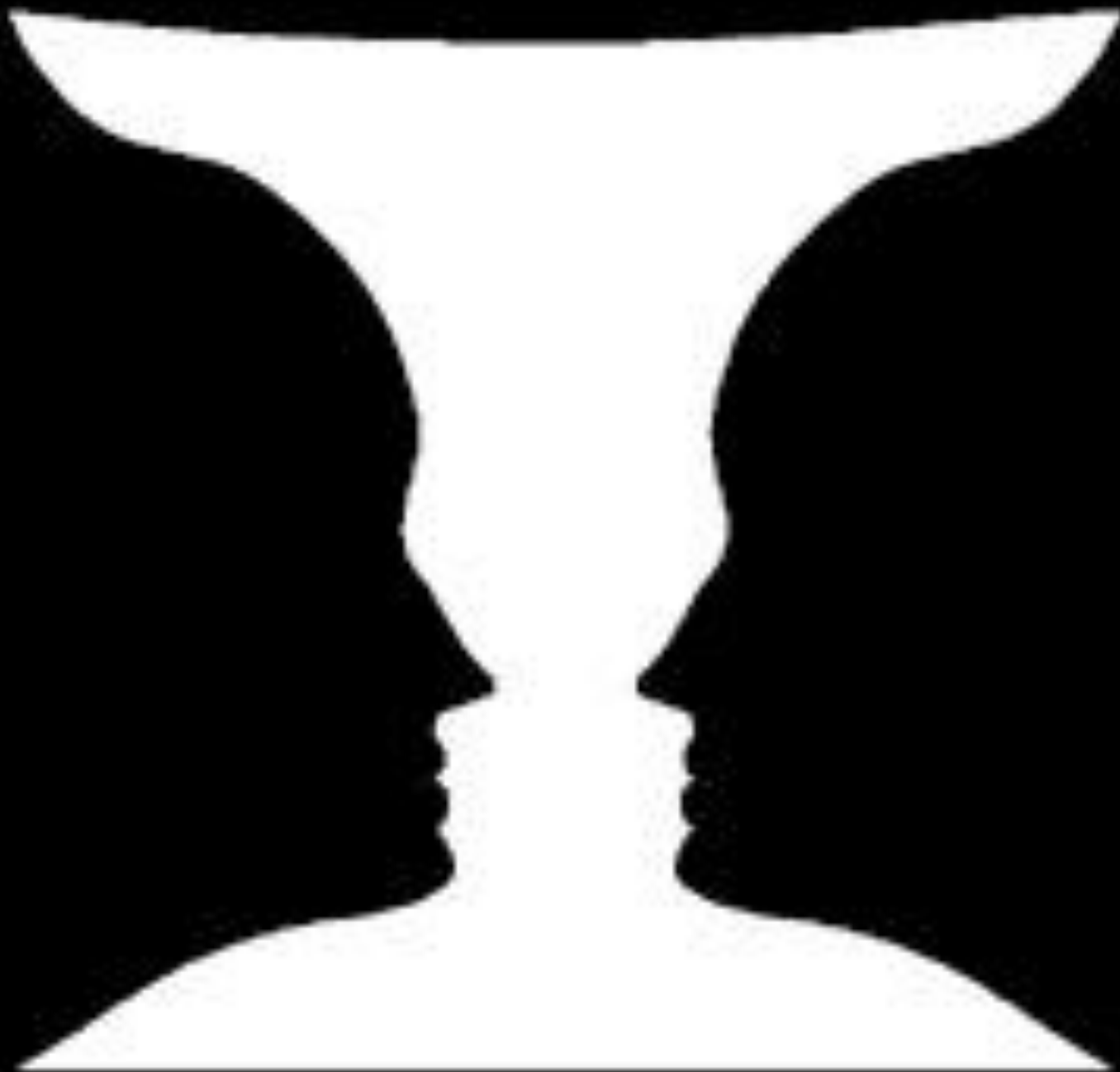
Outro mecanismo pode ser baseado ainda nas escolhas que fazemos no contexto daquilo que vemos e valoramos algo em relação a algo que não valoramos

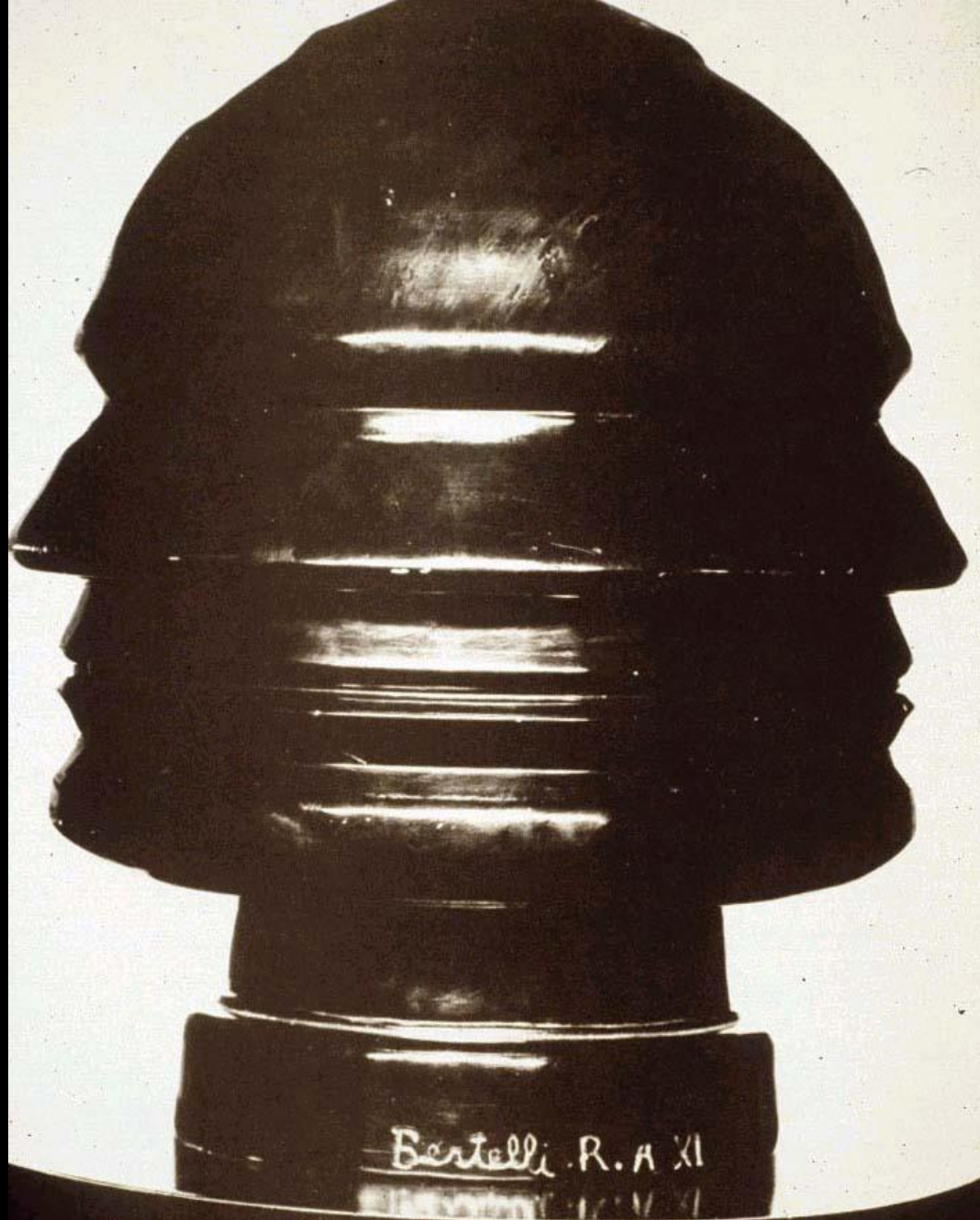
Neste caso, antes de pensarmos numa relação figura-fundo, podemos pensar numa relação entre forma e contra-forma, ou seja, em distinções que valorizem uma dada área em detrimento de outra



A figura, a imagem decorrente
desta relação entre as áreas
seria aquilo que se destaca em
relação ao todo, teríamos
então: forma e contra-forma.
Esta contra-forma, pode ser o
que os gestaltistas chamam de
fundo

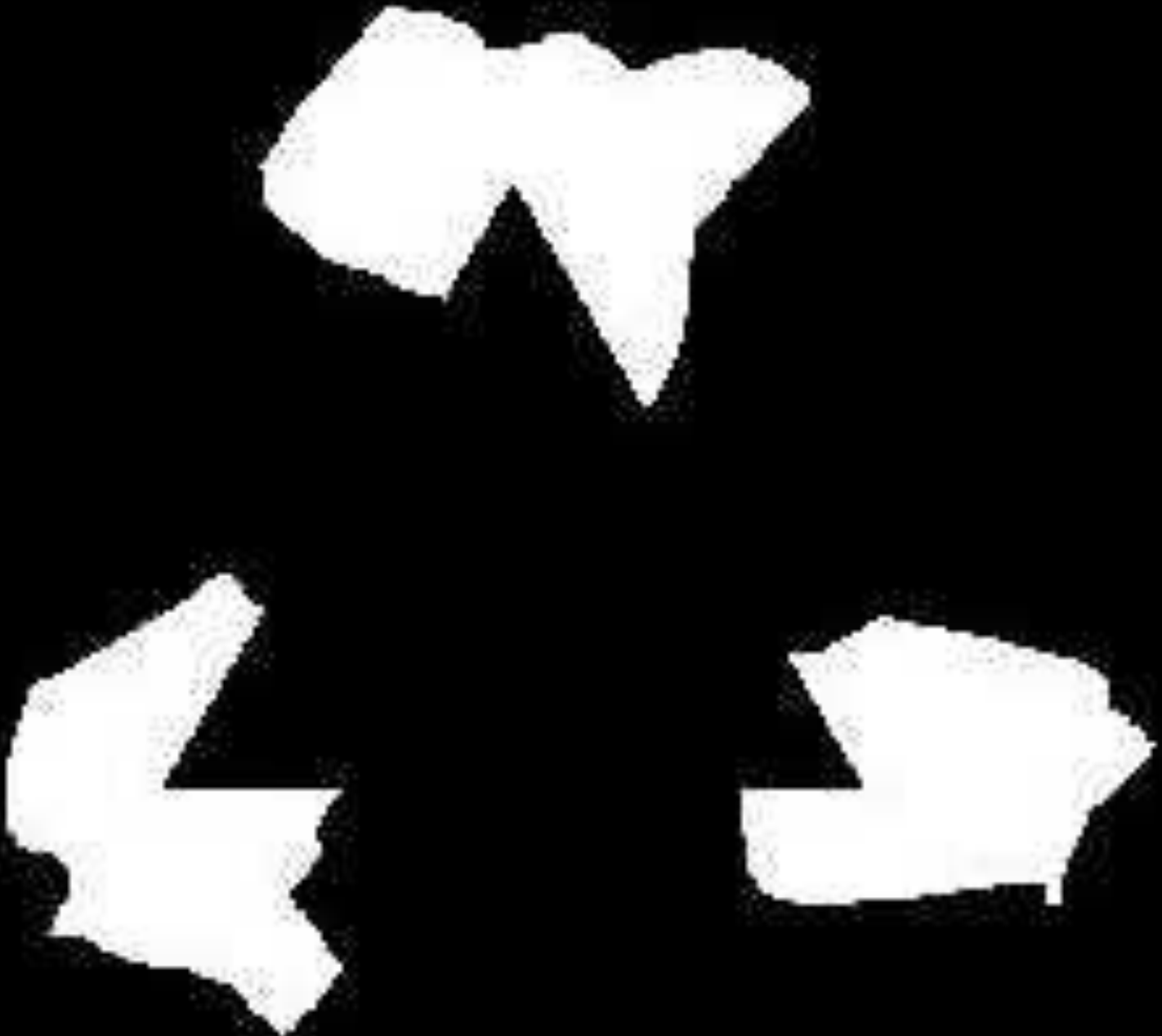






Mas, como sabemos que
é necessário destacar um
dado conjunto de
relações em função do
todo visível, assim temos
a imagem como elemento
significativo em um
contexto









Devemos admitir que há um processo gradual e contínuo de formação da visualidade humana que se inicia desde muito cedo na criança e que vai se tornando cada vez mais complexo

Inicialmente, podemos
aceitar que as crianças
vêm as coisas de modo
confuso e sem detalhes
significativos mas, aos
poucos, valorizam os
detalhes e lhes dão
sentido

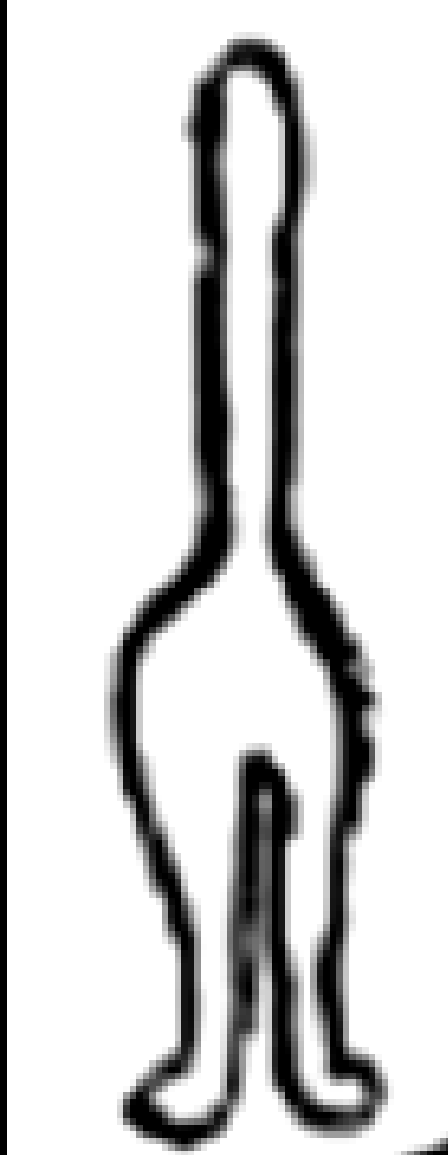
Na verdade, estes
detalhes não surgem do
nada, mas são
decorrentes de um
aumento da capacidade
cognitiva e de
discriminação visual

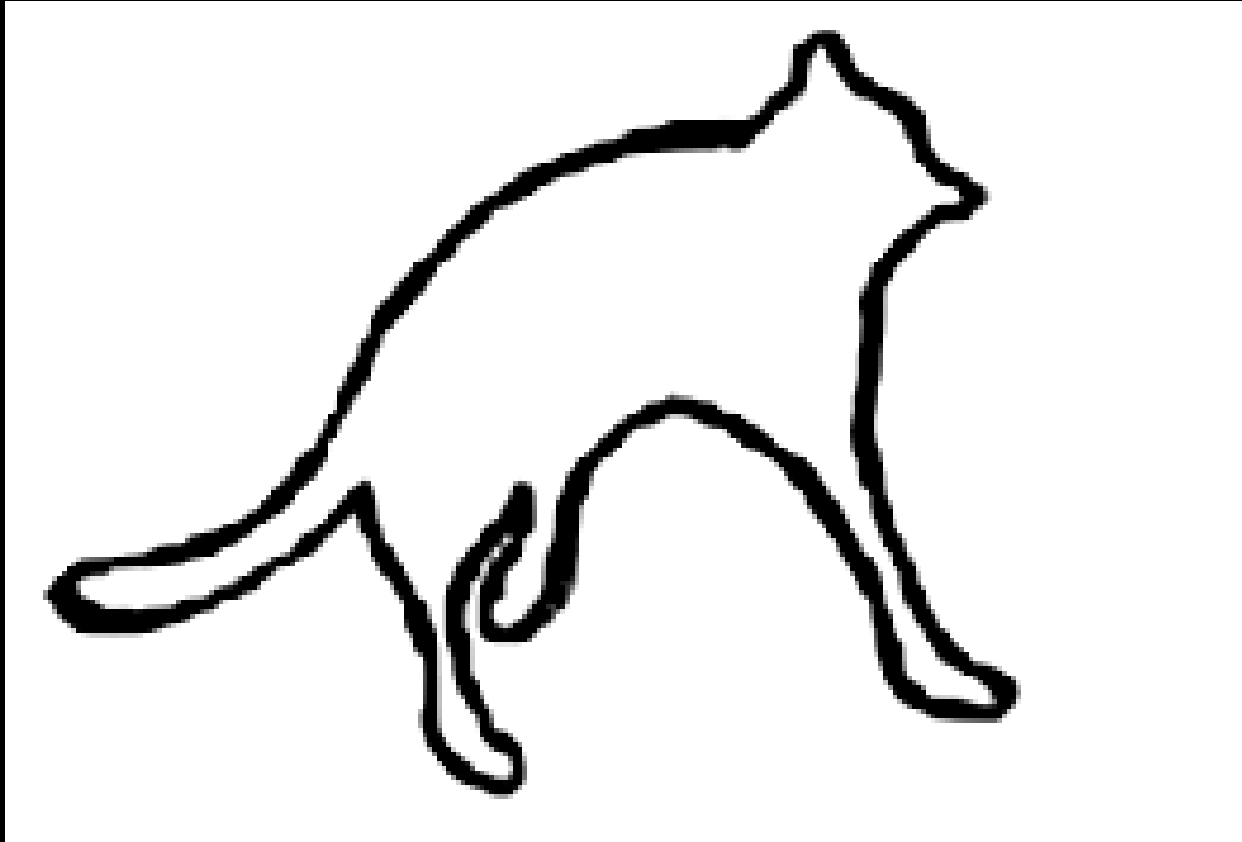
Neste caso, a criança
aprende a ver e a
entender imagens cada
vez mais complexas à
medida em que vai
ficando mais velha, ou
seja, ganhando mais
experiência visual

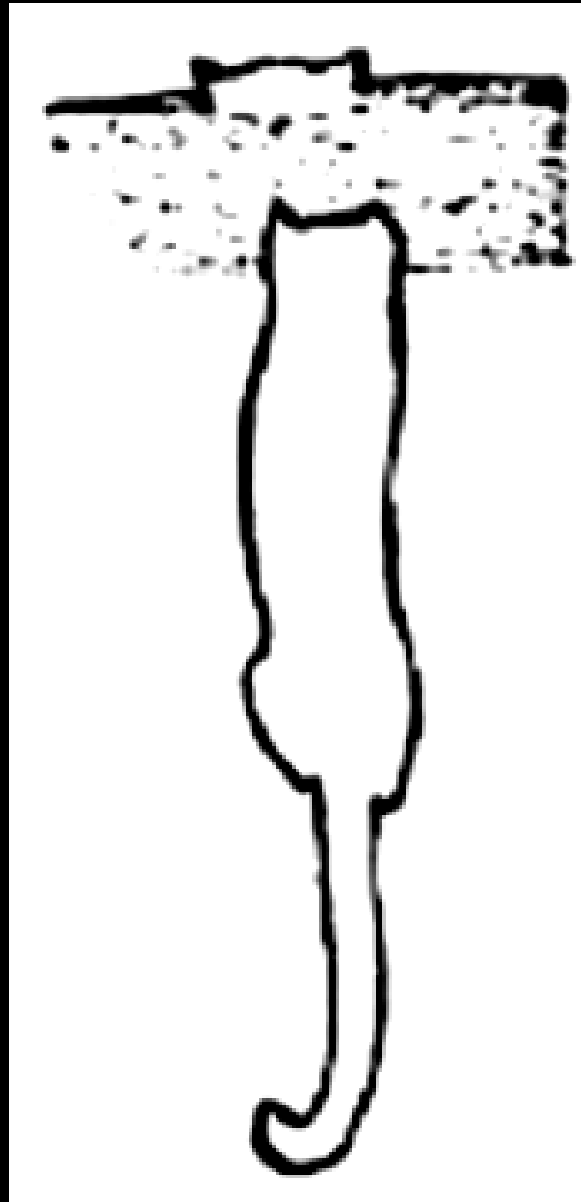














Ao longo do tempo, a
capacidade de síntese
visual, se desenvolve

Esta capacidade é
suficiente para formatar as
mais diferentes imagens,
mediante a valorização de
um ou outro aspecto do
todo visível

Nós é que construimos as
imagens por meio das
estratégias visuais que
desenvolvemos e não são
as imagens que se
encontram prontas e
acabadas no contexto
natural

O que vemos não é o que
está pronto e acabado,
mas sim aquilo que
destacamos de um todo
complexo e confuso, por
meio da atribuição de
sentido, portanto, por meio
de um ato de ordem
cognitiva

Ao mesmo tempo, vão se desenvolvendo outras habilidades visuais, como os controles das distâncias focais, a apreensão sensível dos efeitos de luz e sombra

Sabemos identificar e
distinguir aquilo que está
próximo em detrimento do
que está distante por
meio da proporção, das
superposições e das
justaposições

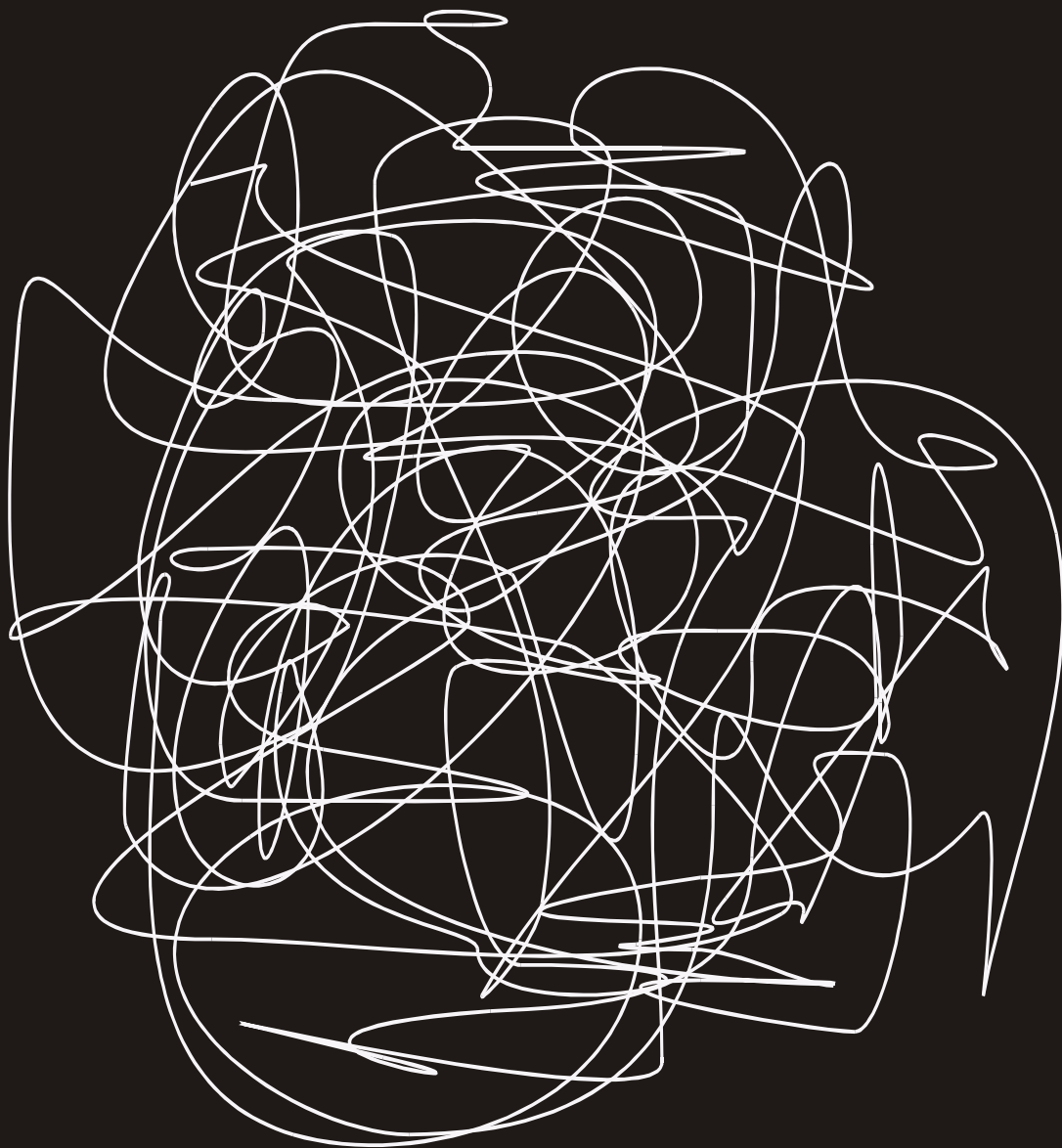
Desenvolvemos
estratégias para
identificar as bordas
visuais, distinguir os
limites de algumas coisas
em relação às outras,
criando os contornos e
intuindo os tamanhos

Aos poucos se forma um
arsenal completo de
distinções figurativas
suficientes para dar conta
do mundo natural e das
manifestações que
tomamos como referência
dele

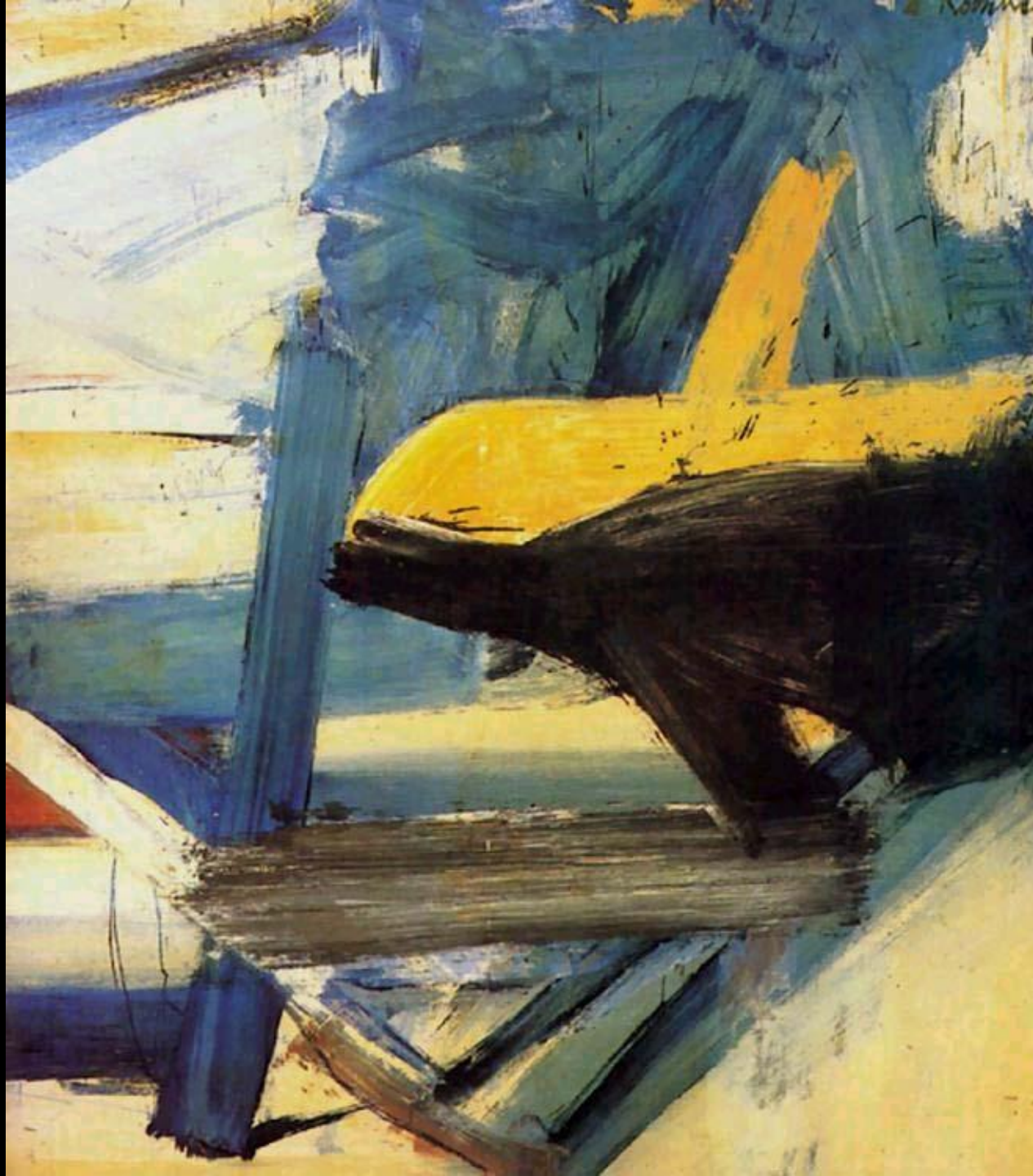
A teoria da Gestalt chama
a isto de “lei da boa forma”,
ou seja, quando uma
configuração, uma
imagem, se constitui a
partir dos requisitos
necessários para ser
entendida

Conjuntos complexos de
informações visuais não
se transformam
necessariamente em
imagens se não tiverem
extratores
suficientemente claros
para identificá-las

Para a gestalt, um
emaranhado de linhas ou
cores quaisquer não são
necessariamente
imagens, há a
necessidade de um
referencial qualquer



Mas, por outro lado,
sabemos que um dado
conjunto de qualidades
sensíveis, pode ser
entendido como imagem





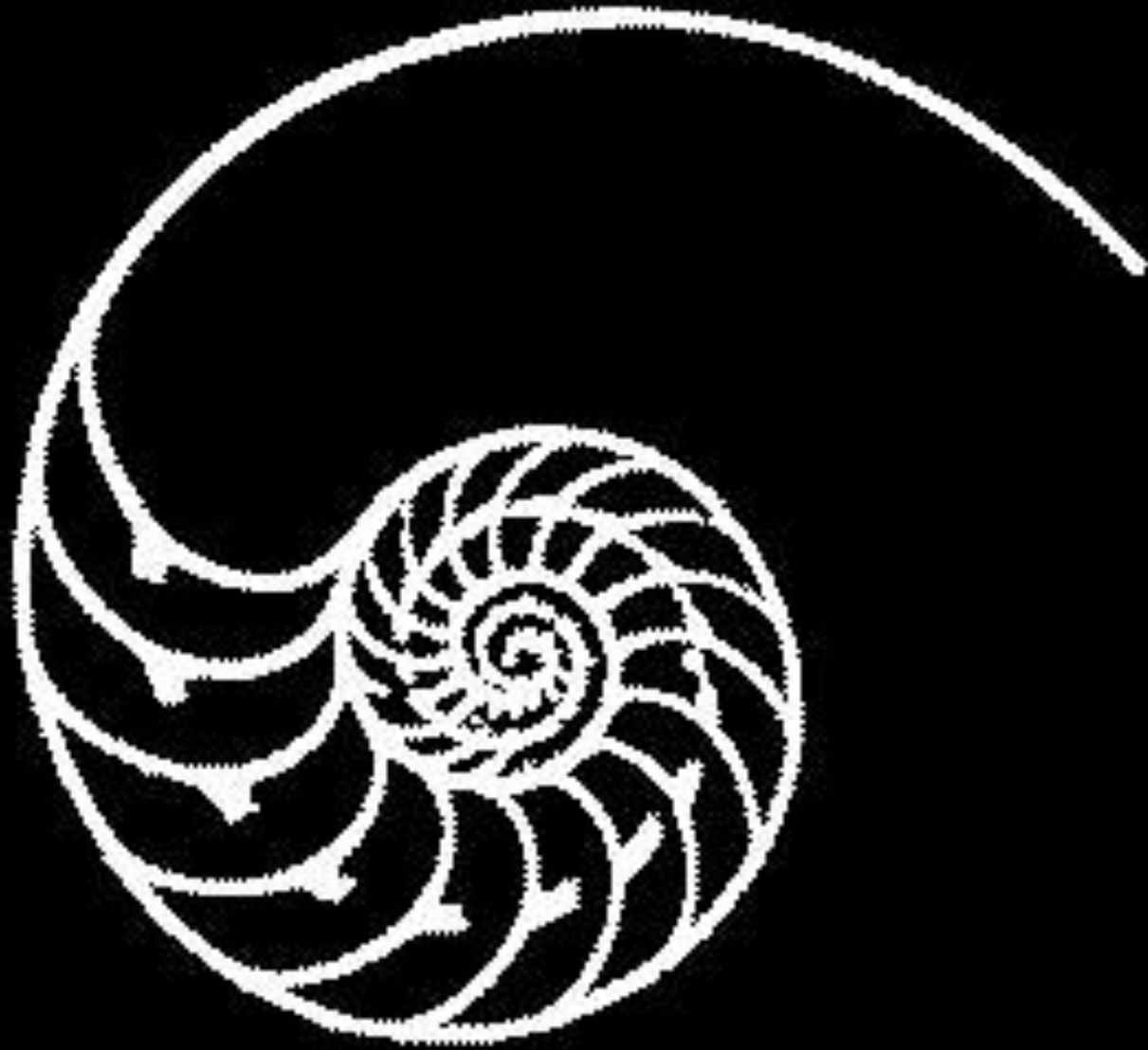
A ordenação de
linhas no espaço
podem ser
reconhecidas
como uma
imagem, uma
obra de arte

Mesmo que esta imagem
não seja necessariamente
reconhecida enquanto
coisa do mundo

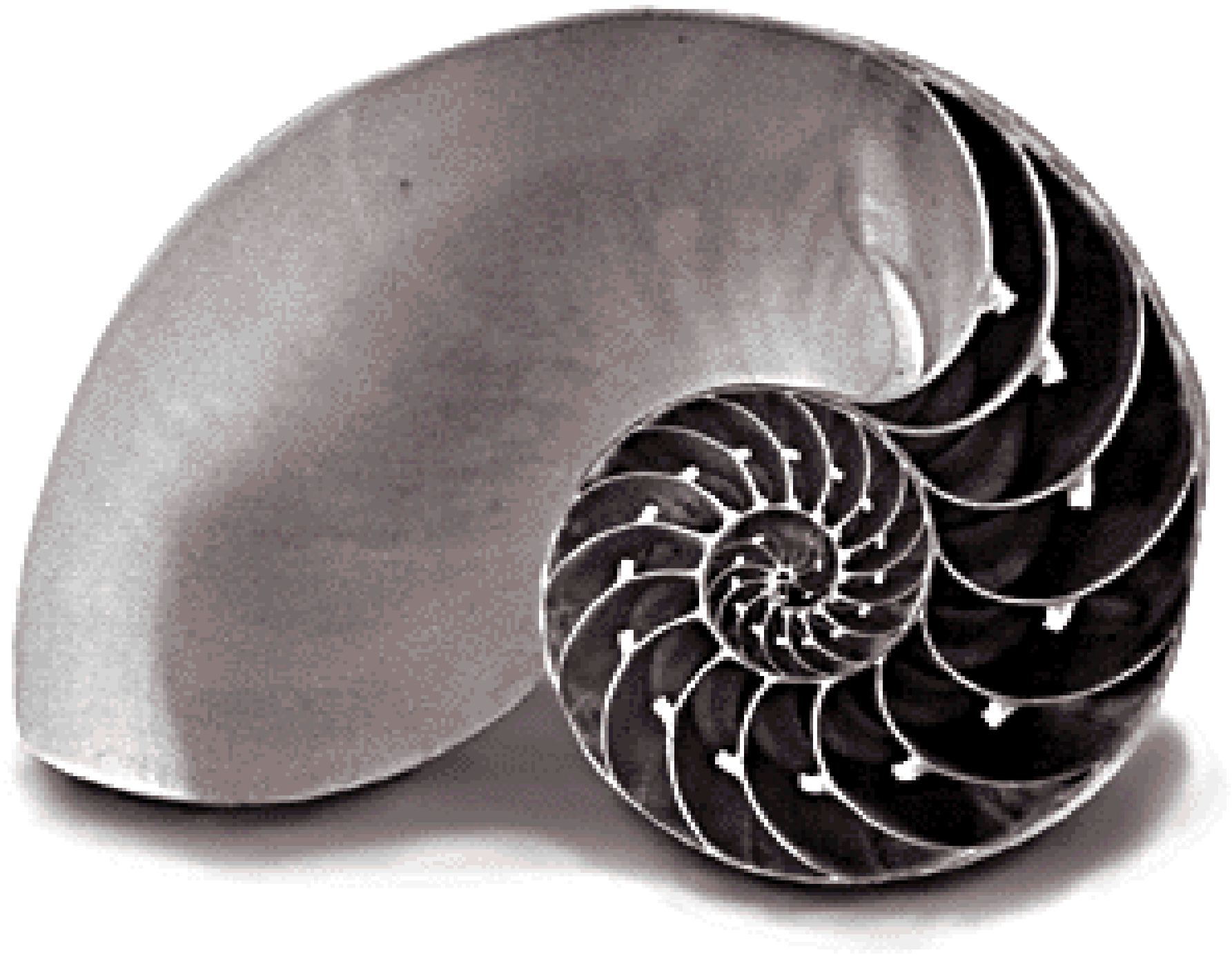


Mas, pode sim, ser
reconhecida como como
coisa da arte

Mas se uma dada
imagem consegue
estabelecer uma relação
com coisas do mundo,
pode ser identificada e
reconhecida como coisa
dele, mesmo que não se
pareça tanto com ele

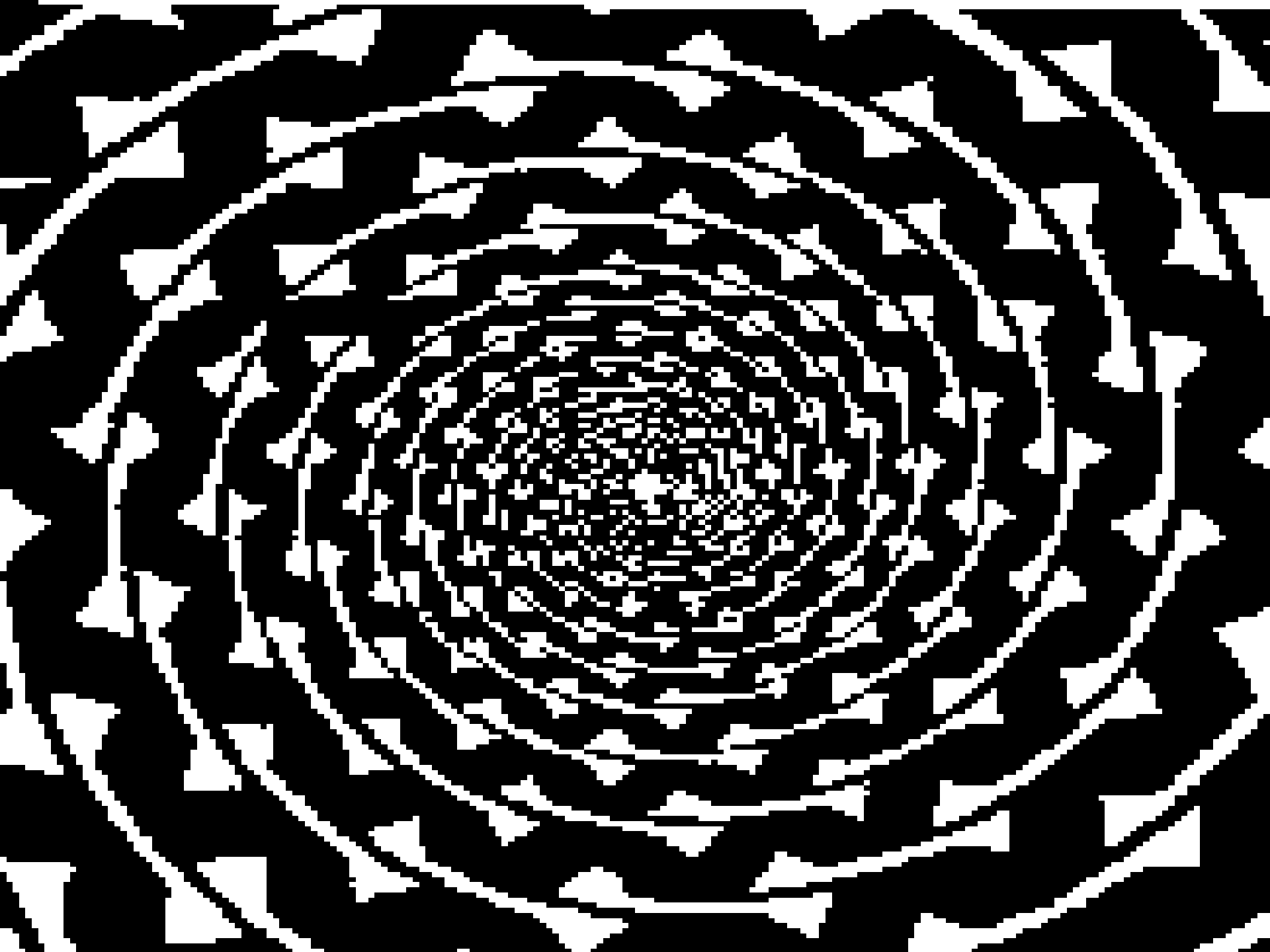


Raio x de uma concha - nautilus





A configuração, para a Gestalt, é resultante de atos cognitivos complexos onde entram memória, visibilidade e racionalidade

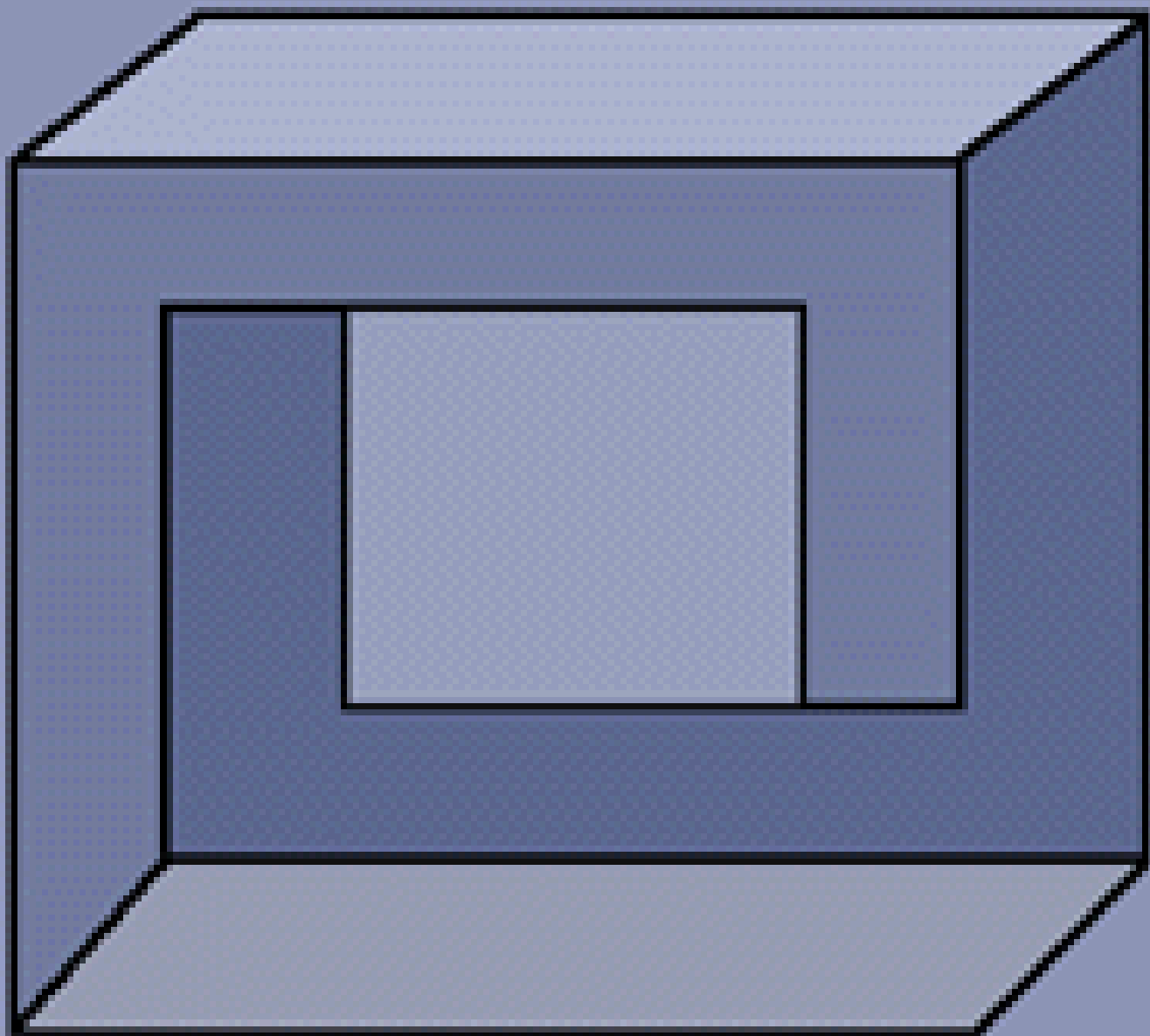


Muitas vezes vemos
apenas aquilo que
queremos ver e não
aquilo que se mostra, de
fato, ao nosso sentido

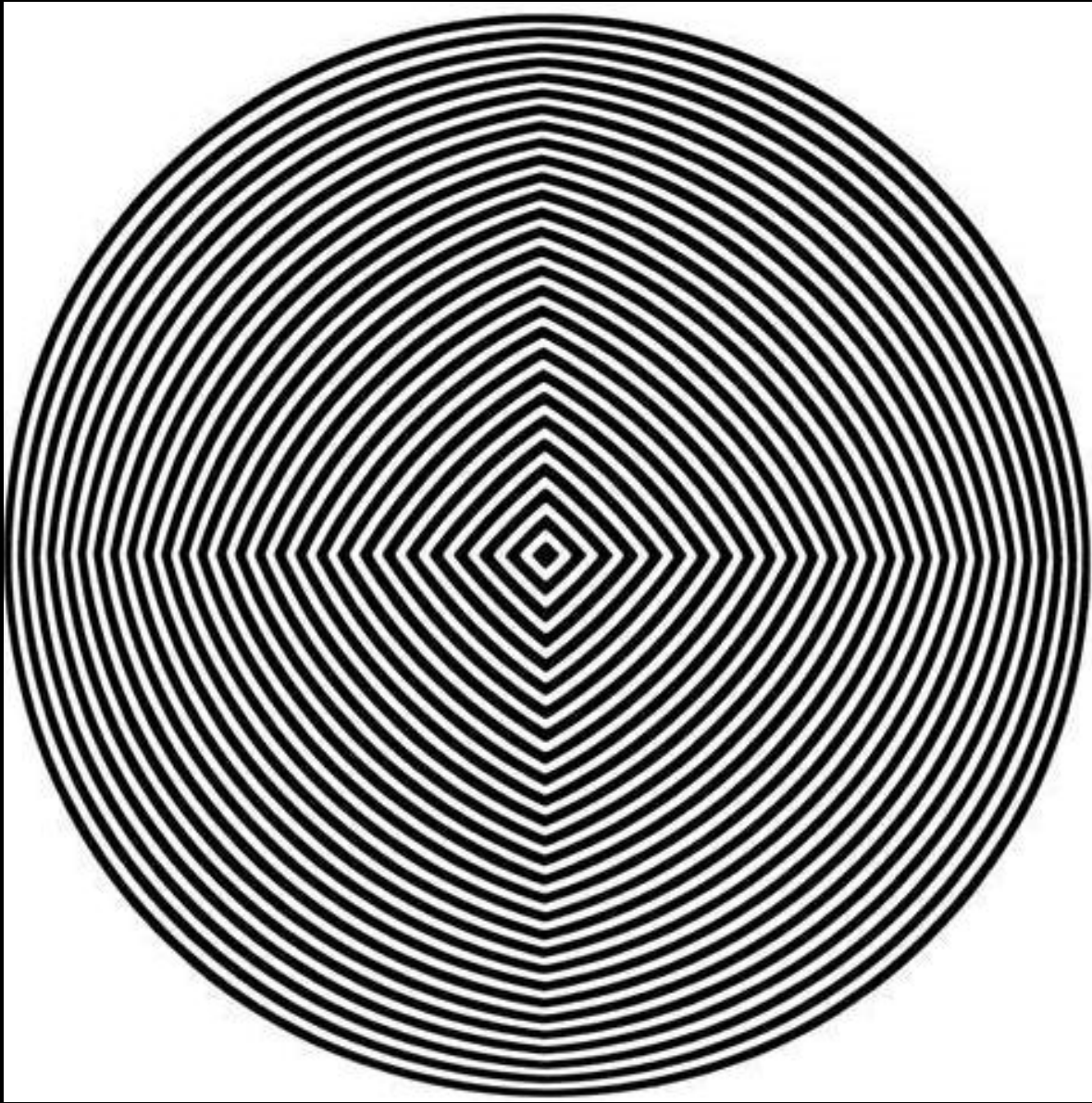
Ordenamos também o
sensível de acordo com
nosso próprio interesse e
não apenas aquilo que se
apresenta à nossa vista







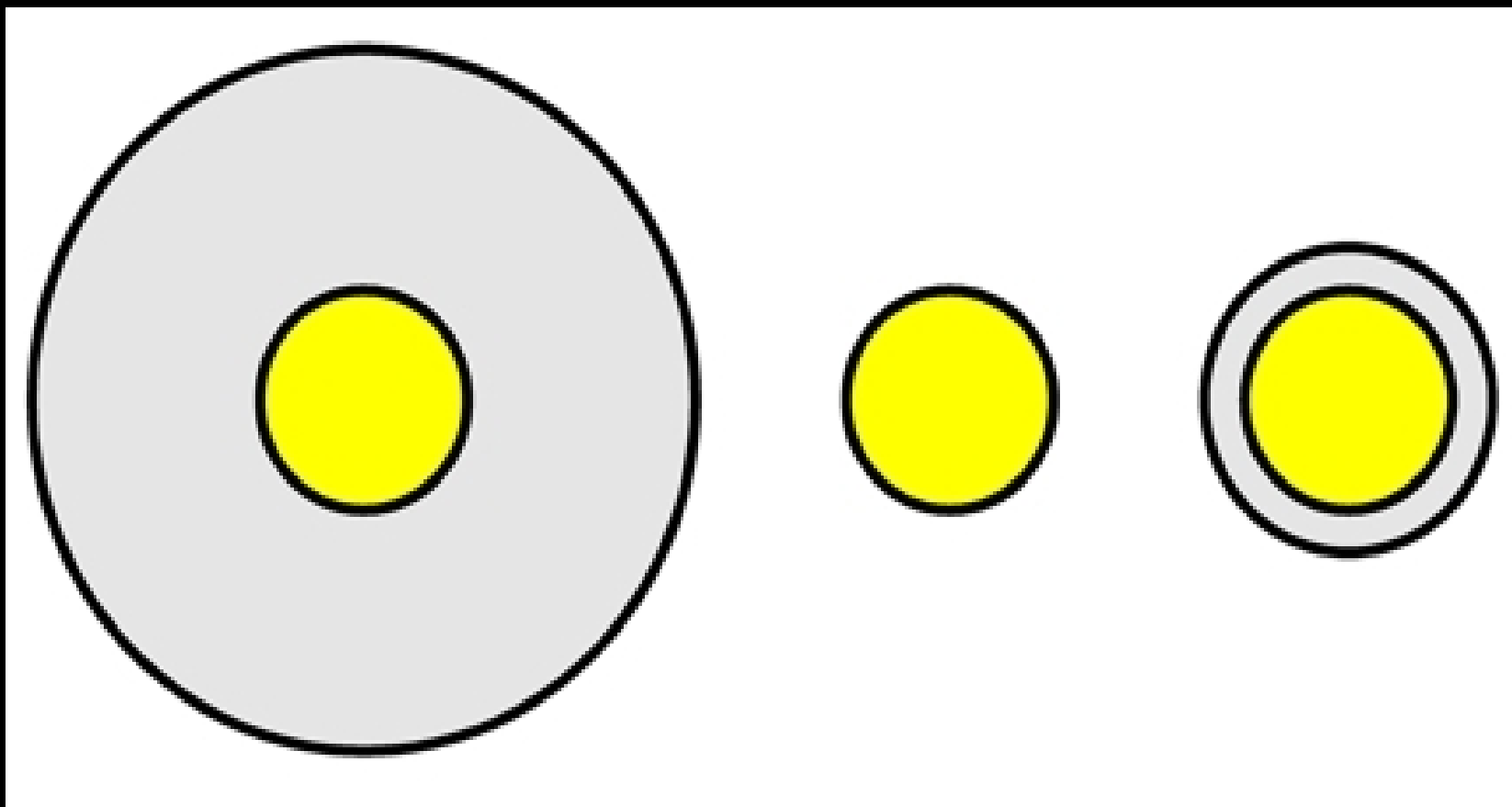


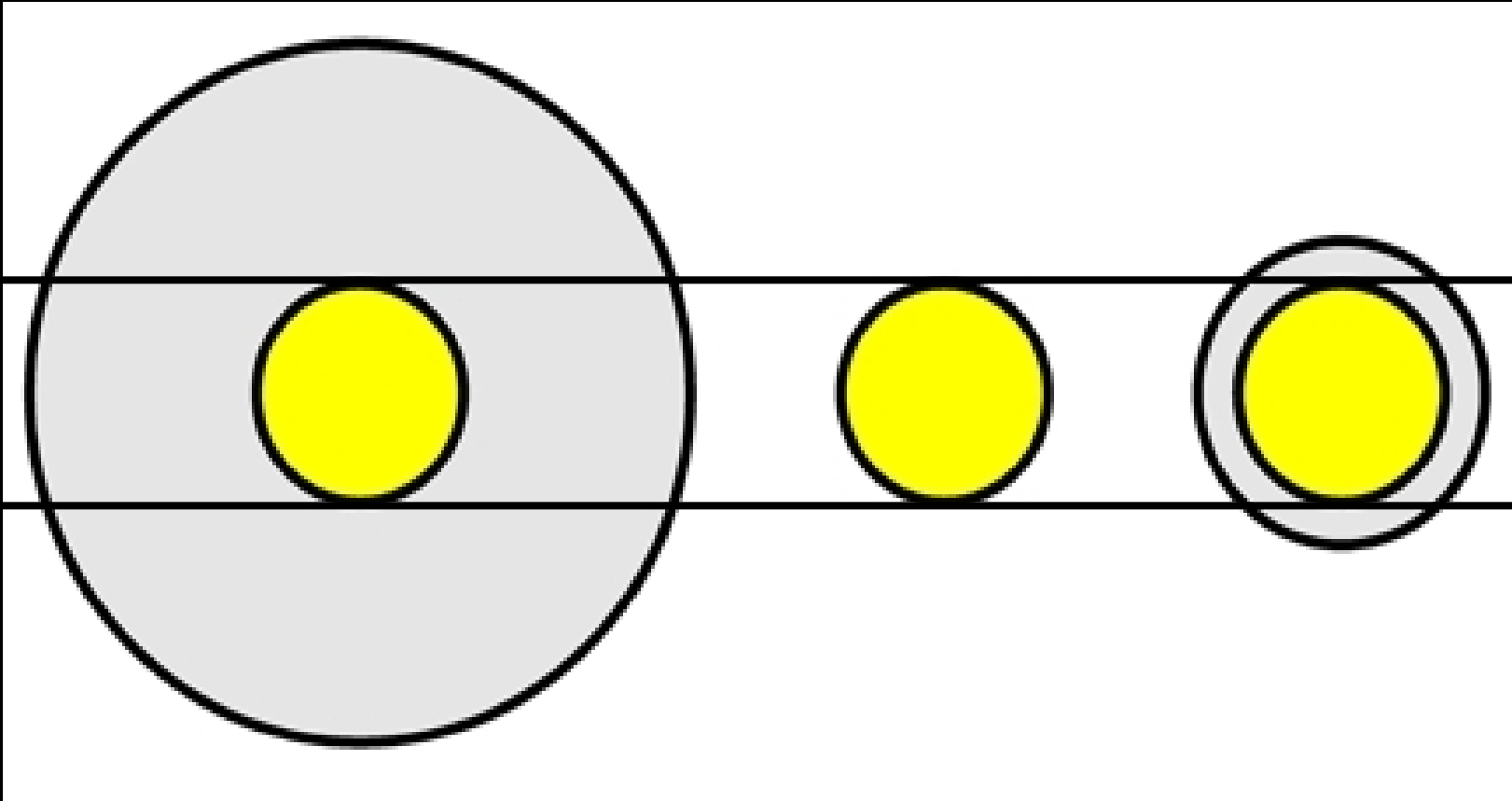


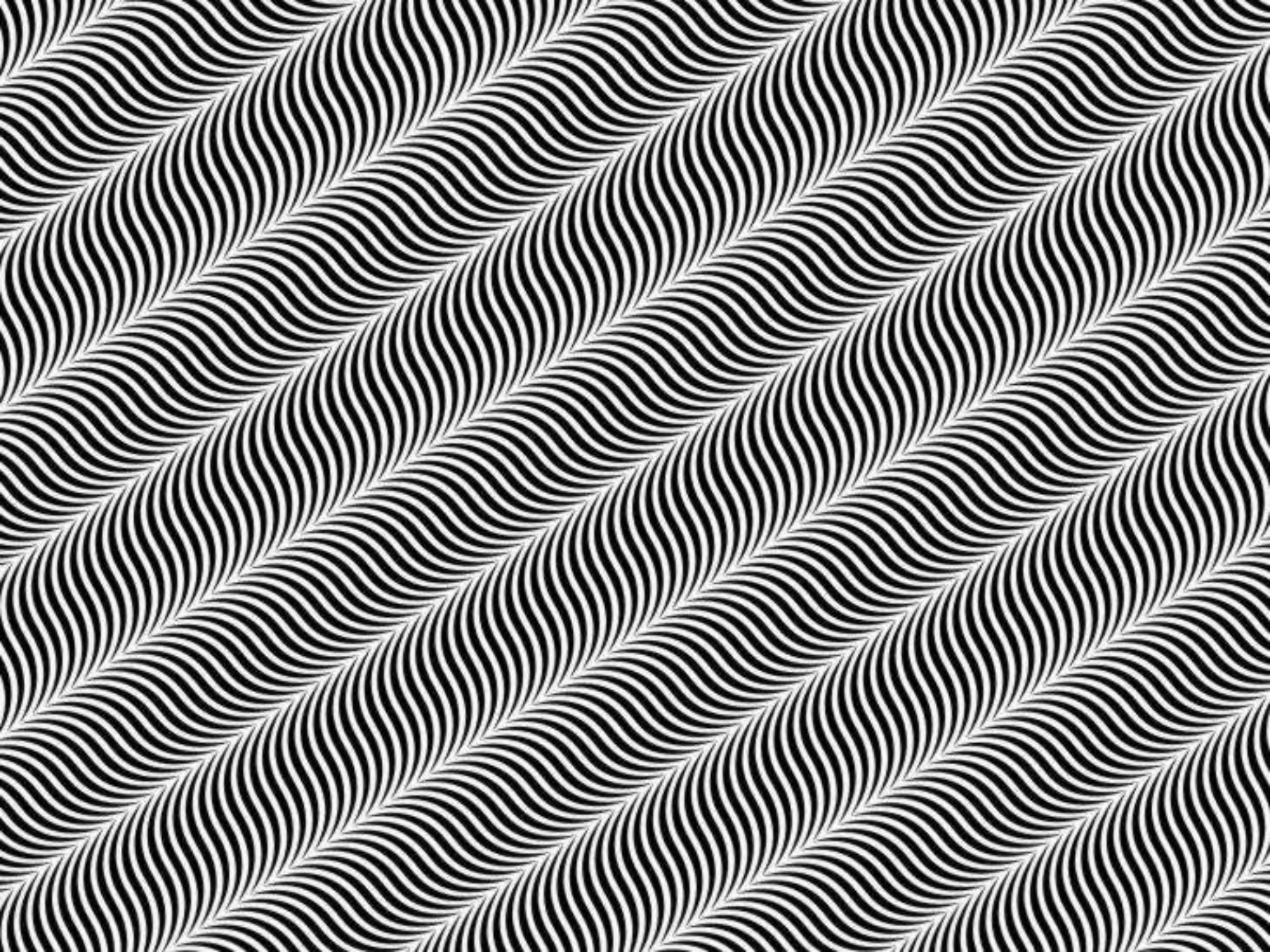
<http://www.Fotomontagem.net>

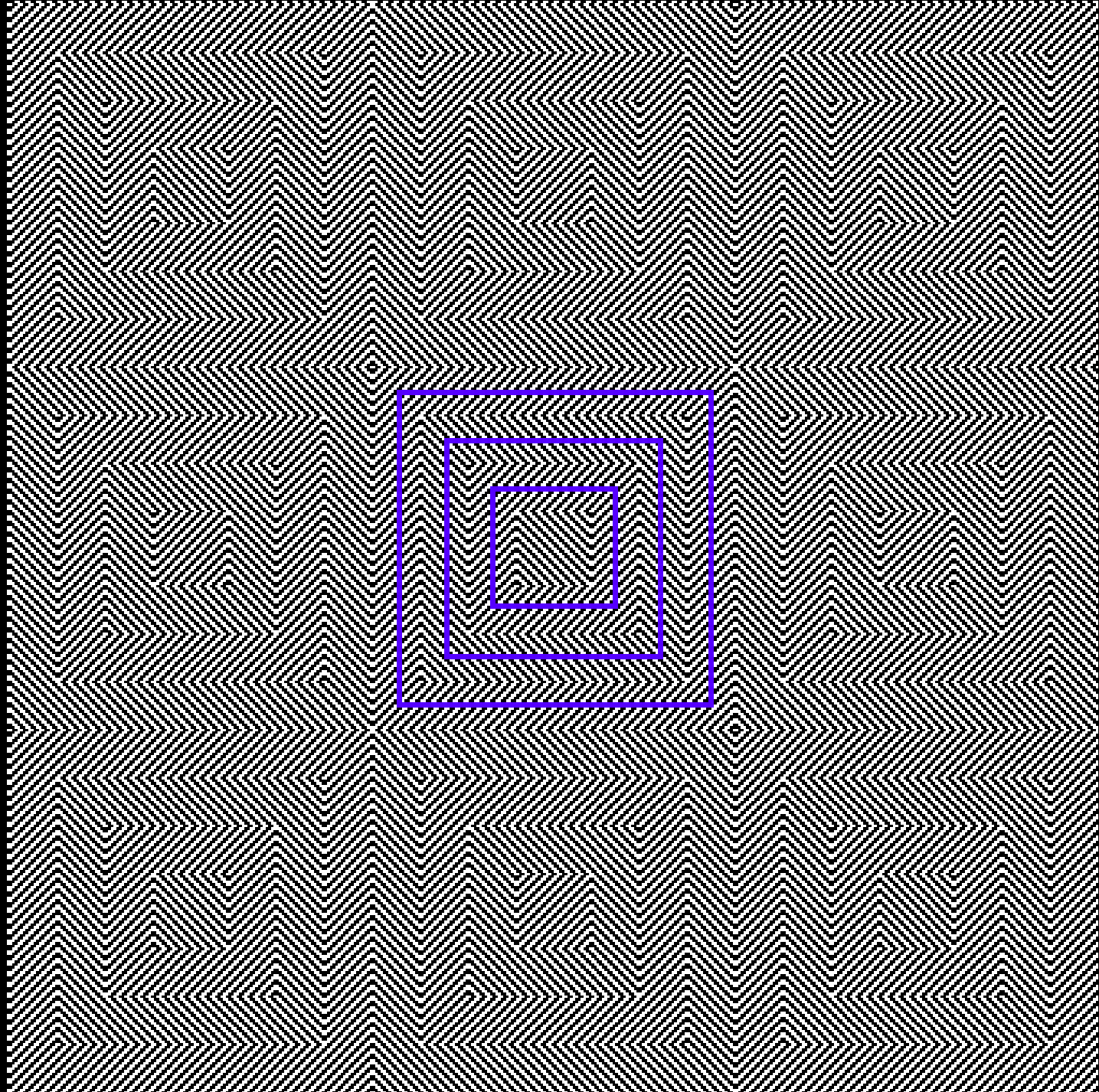
sergio@burelto.net

Handwritten signature

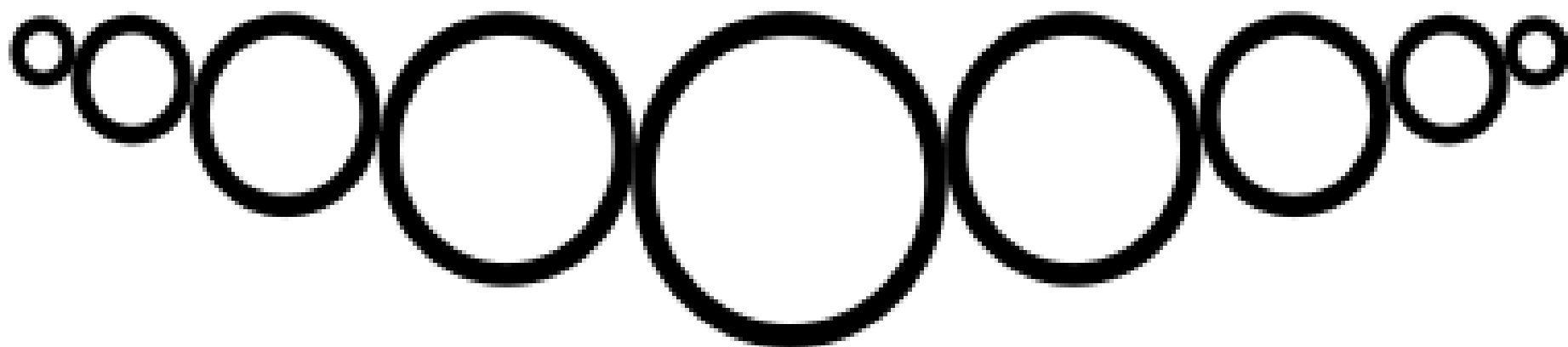
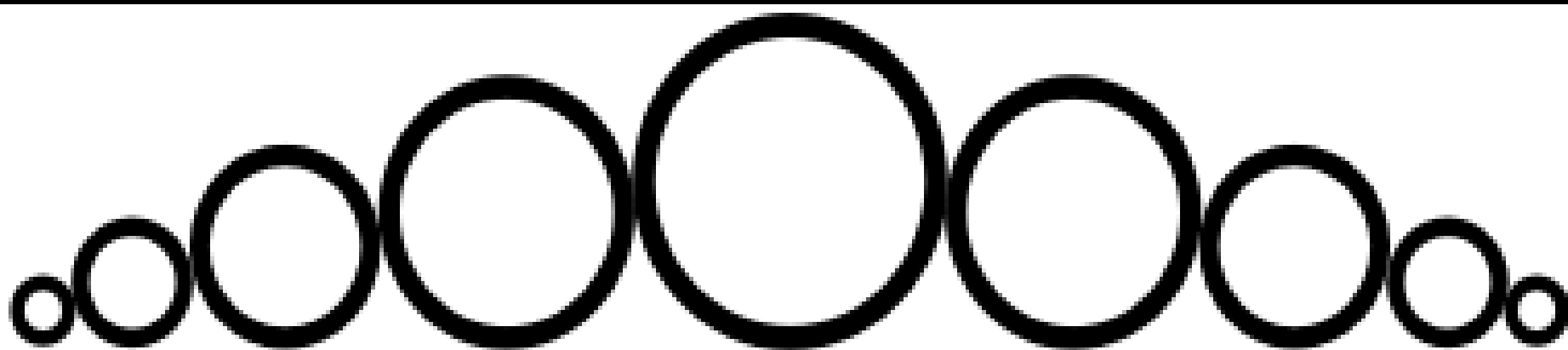


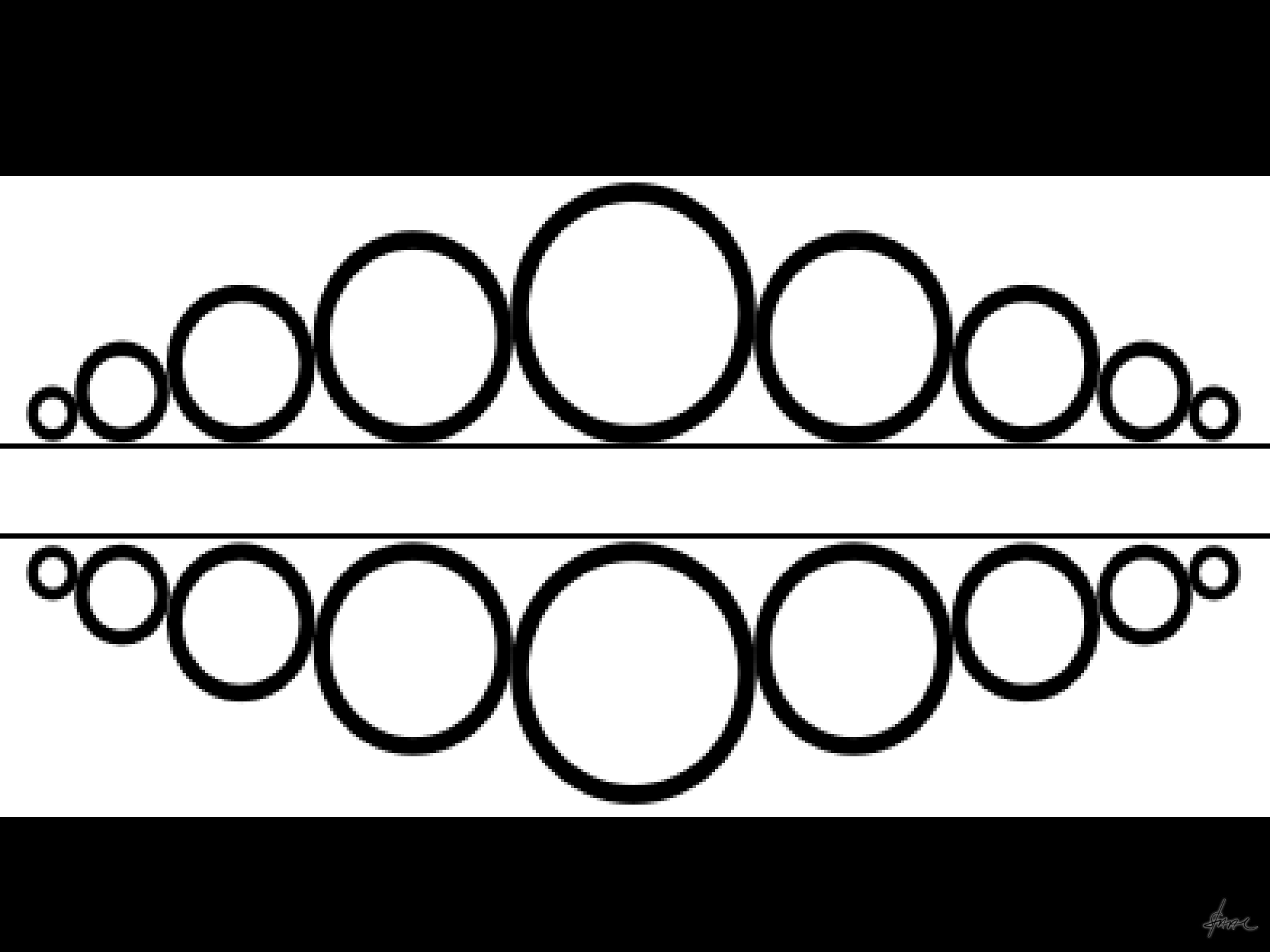


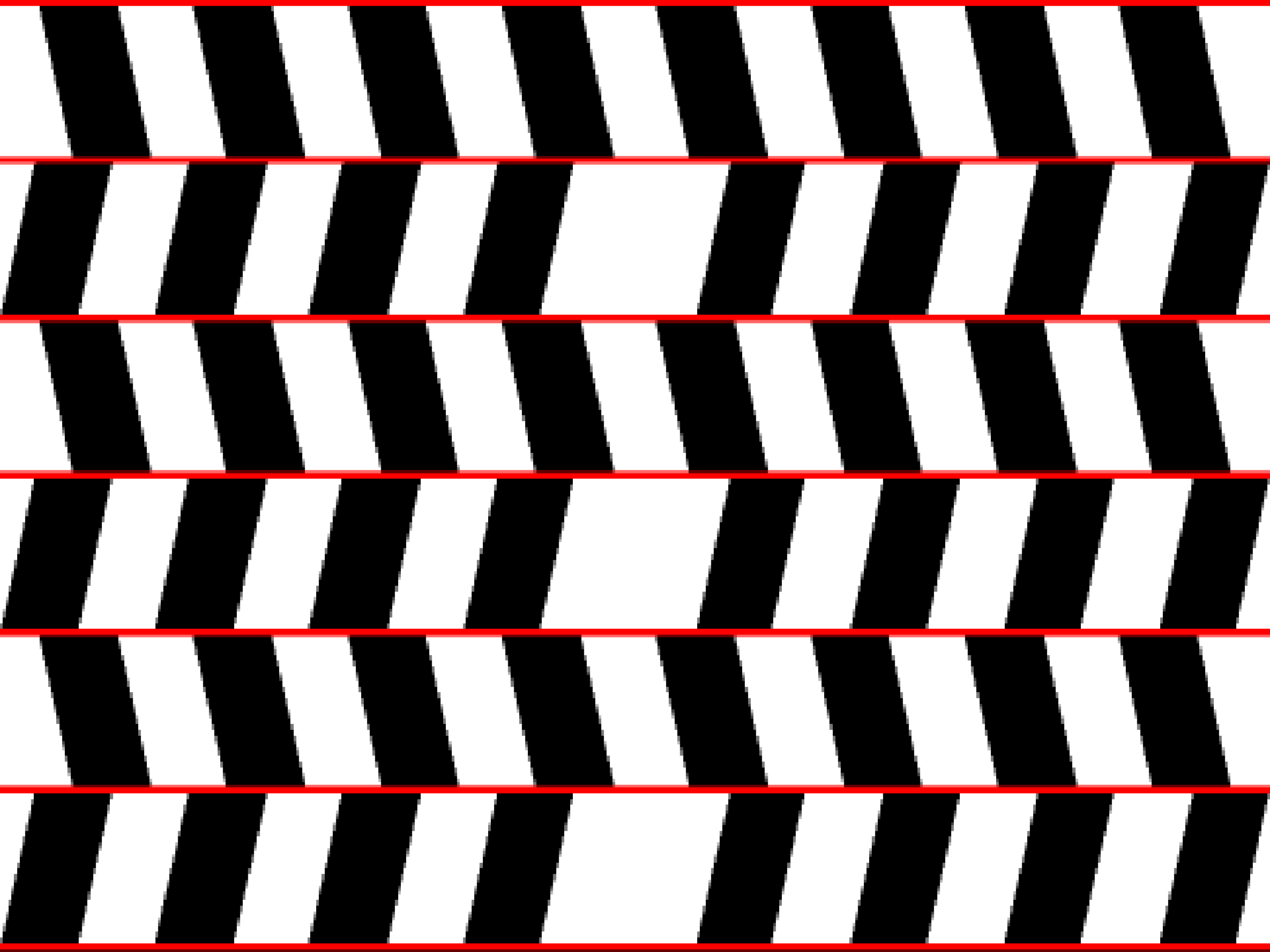


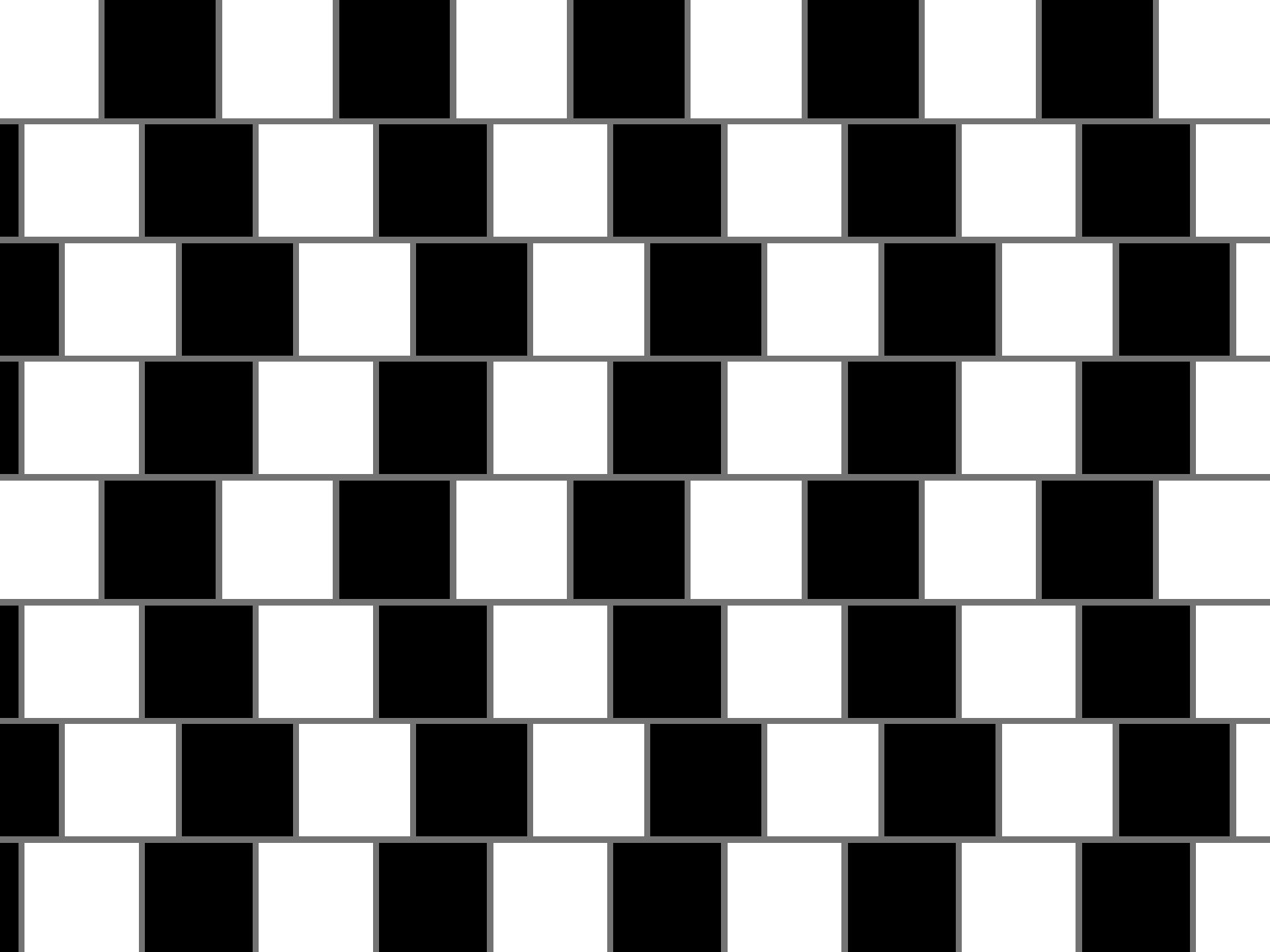


Spencer

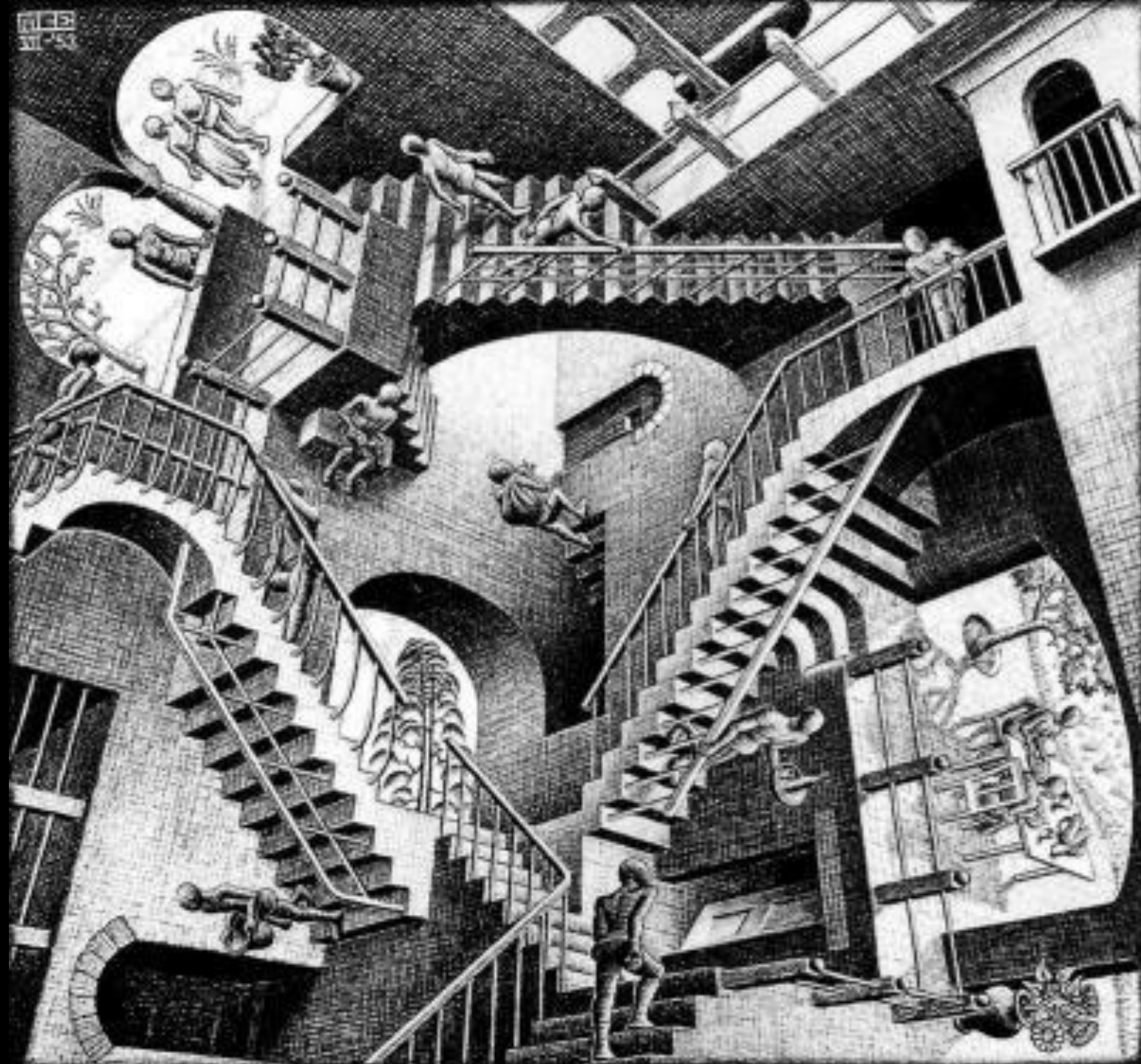


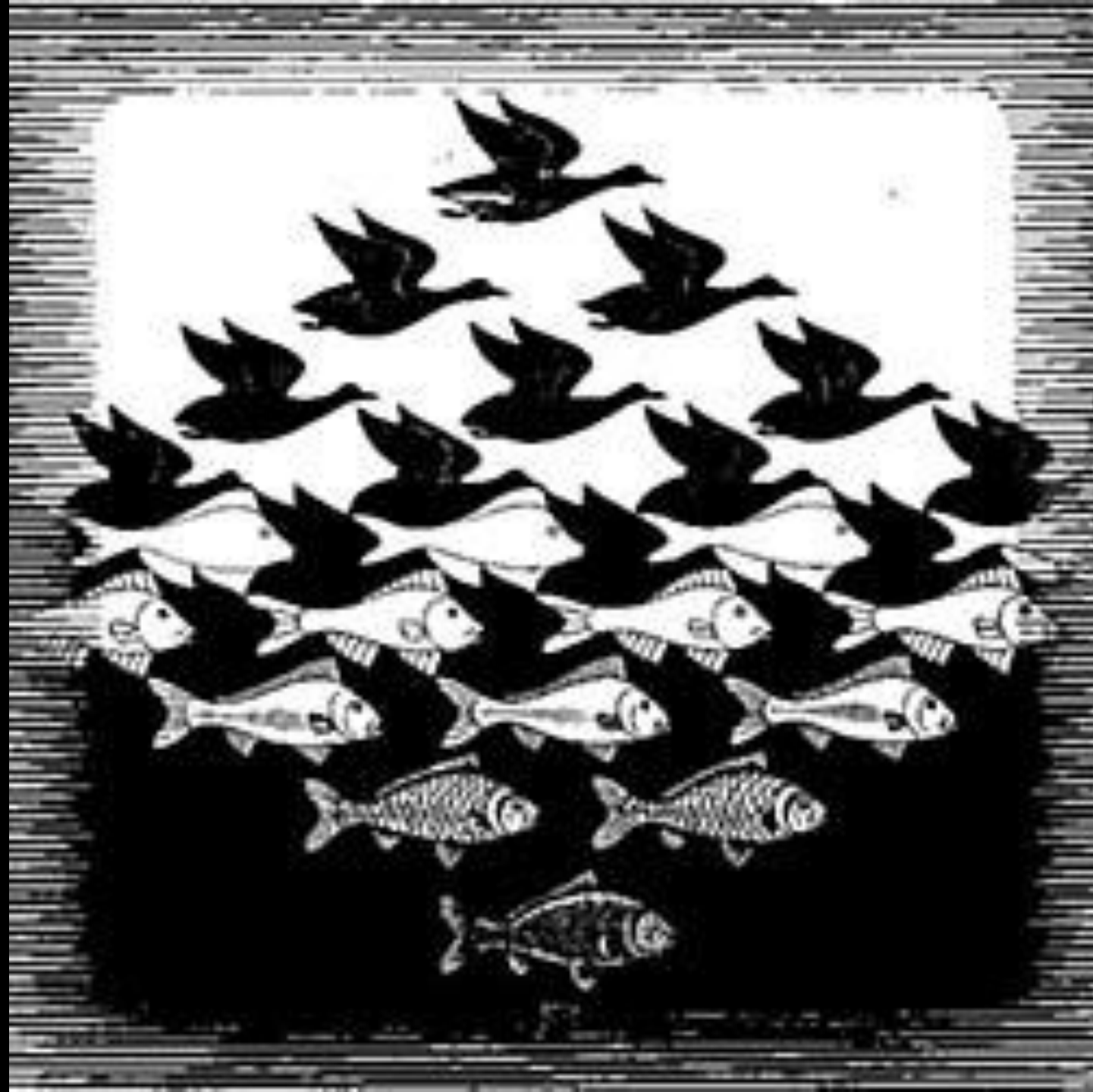




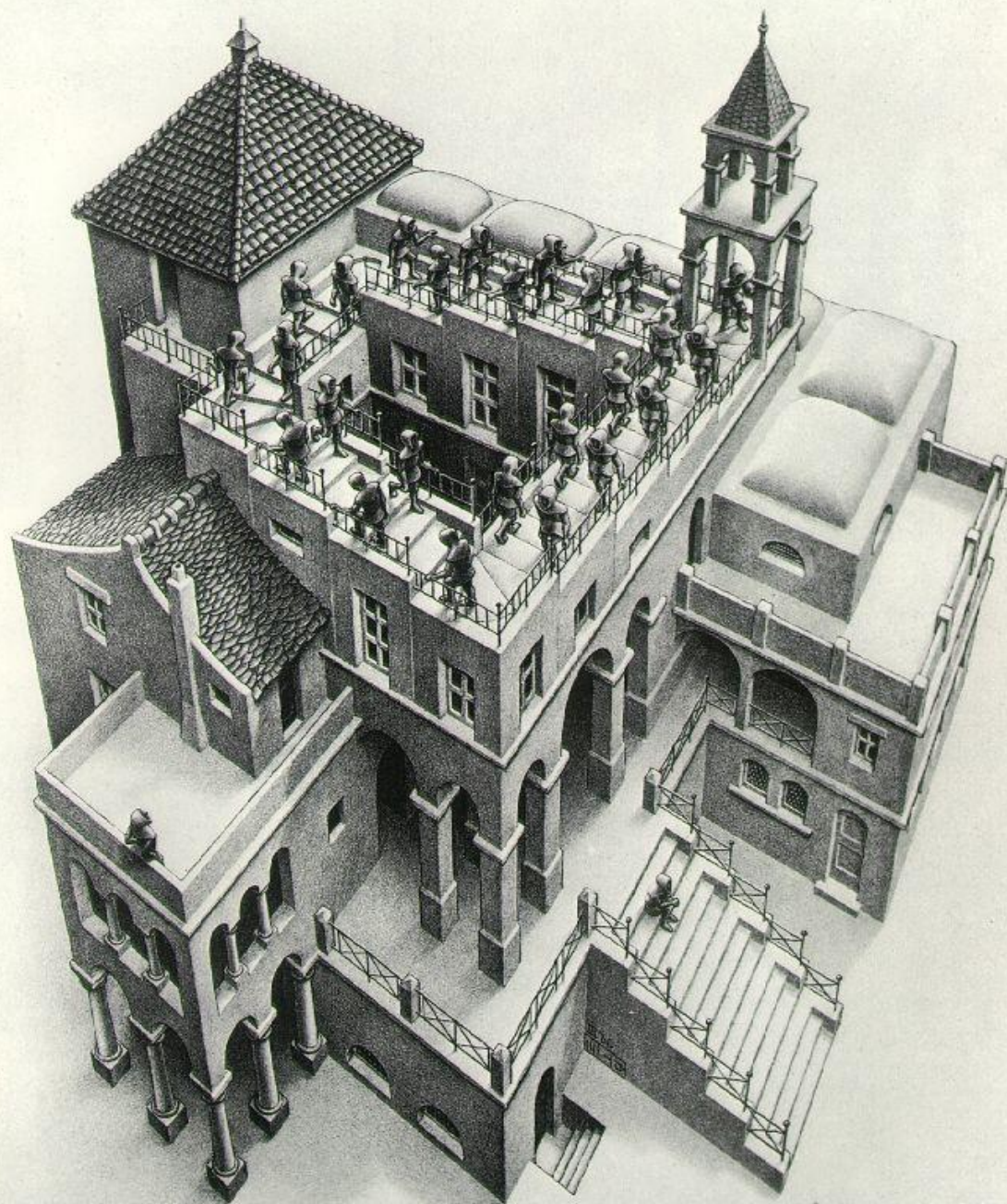


Um mestre da ilusão
visual foi Maurits
Cornelius Escher



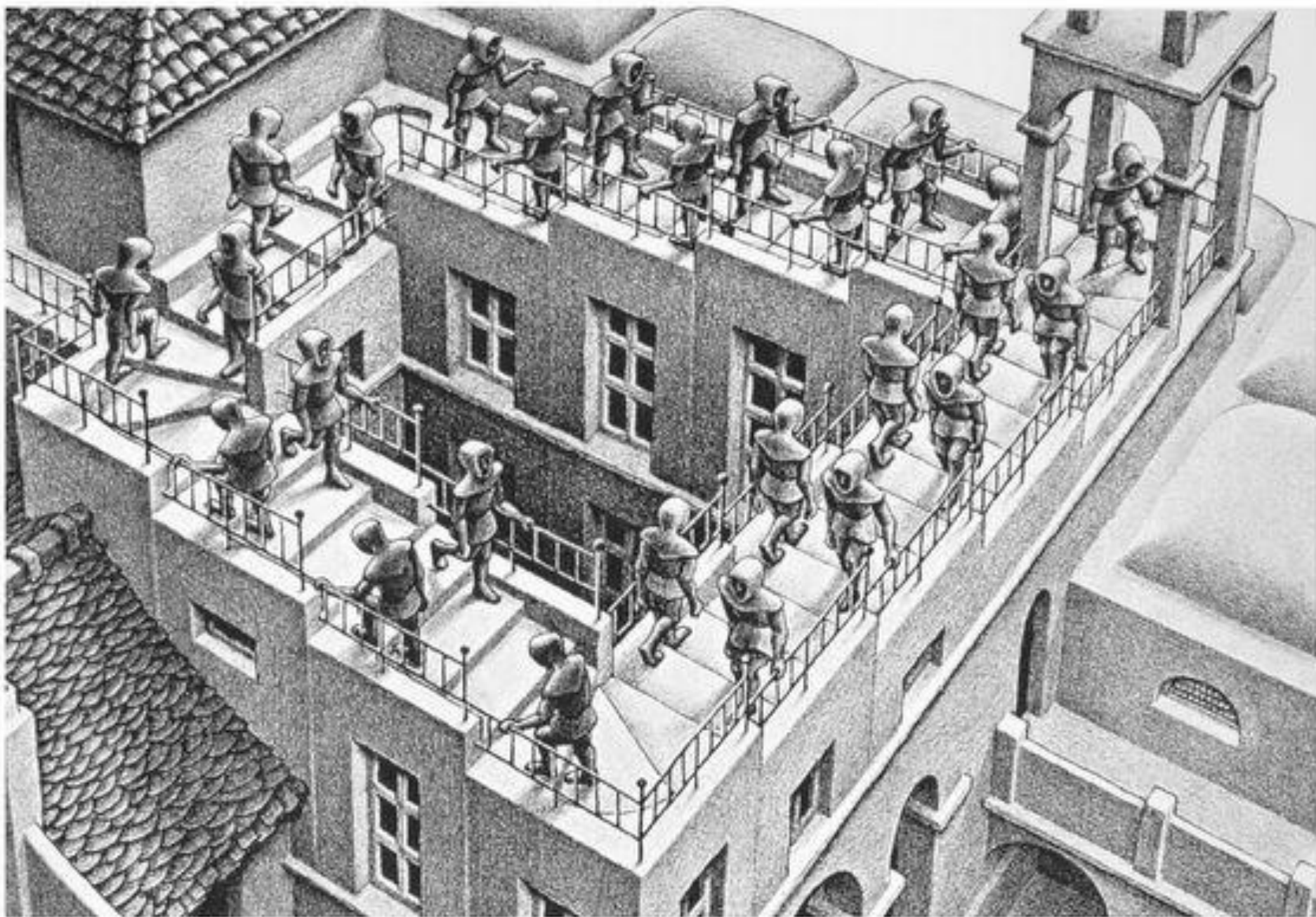




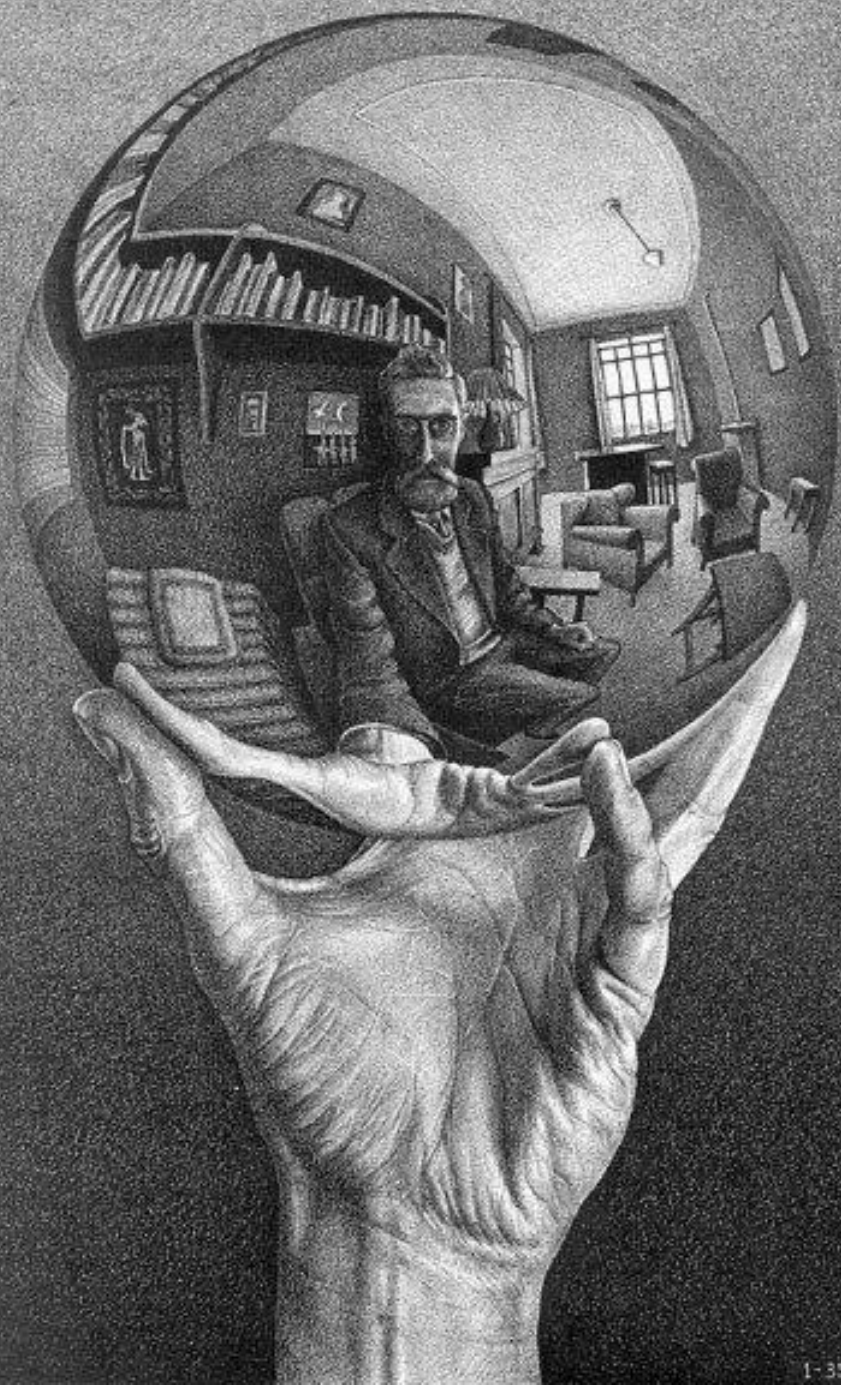


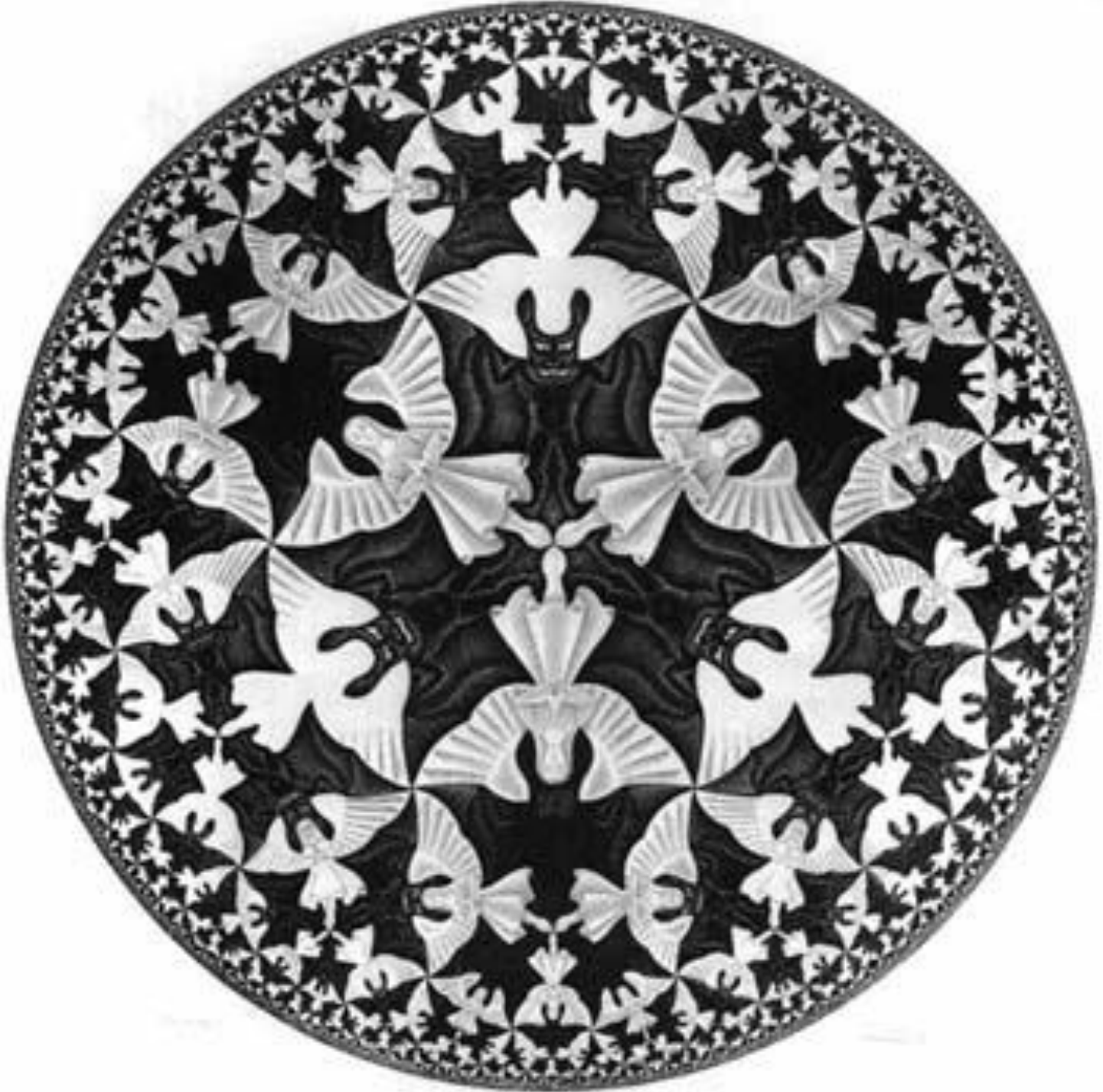
M. B. 1921

franc





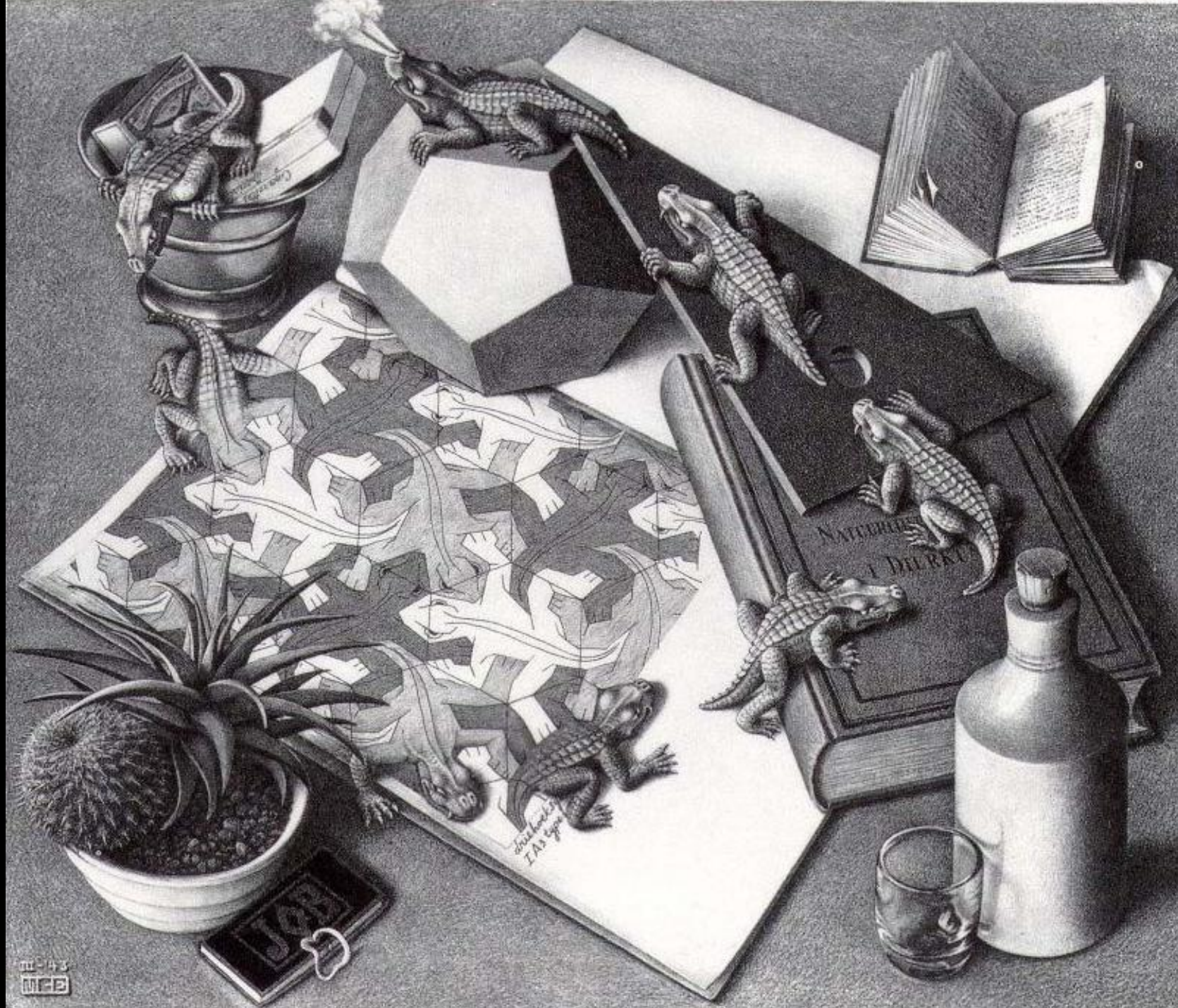


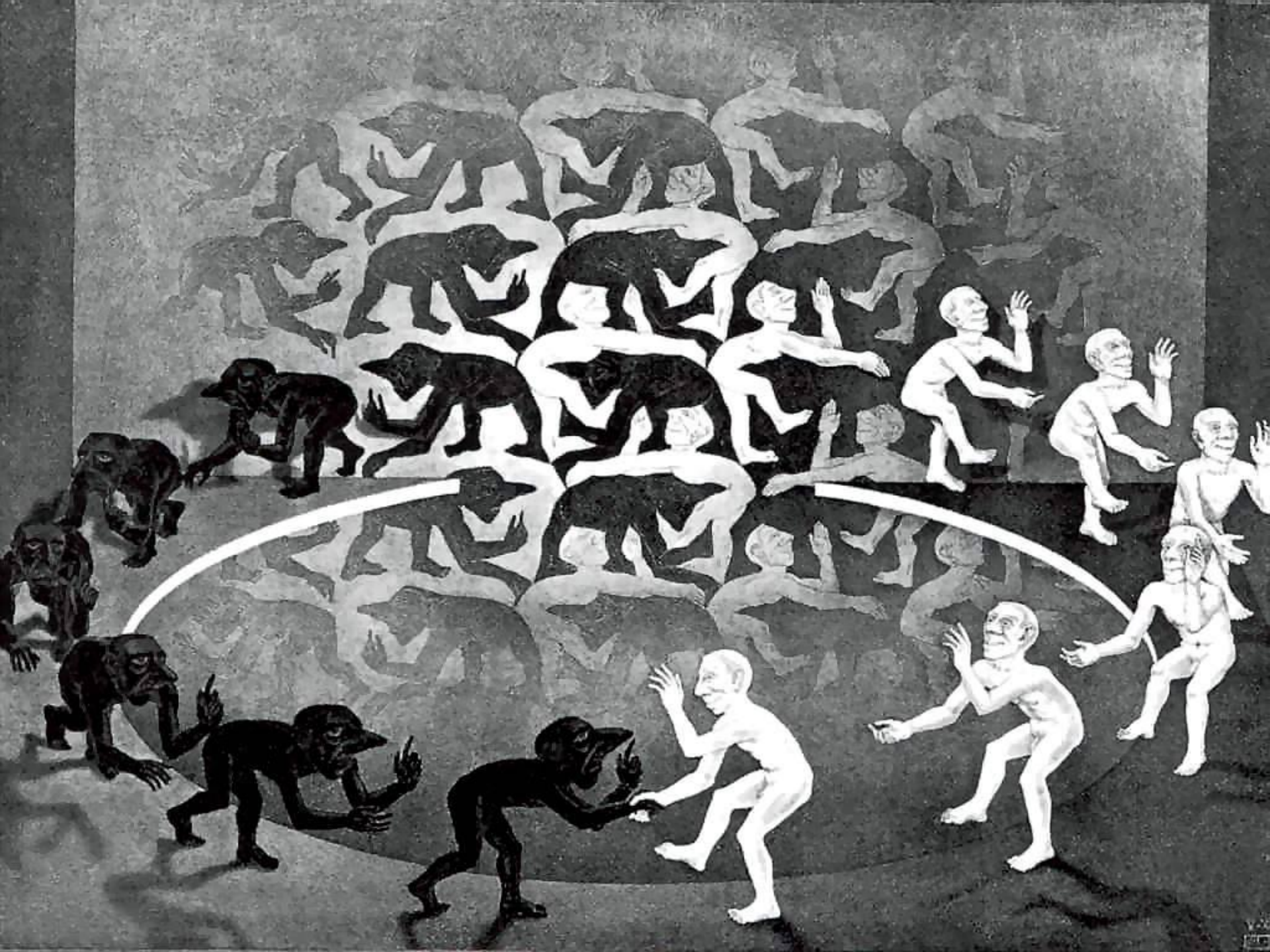


III-23

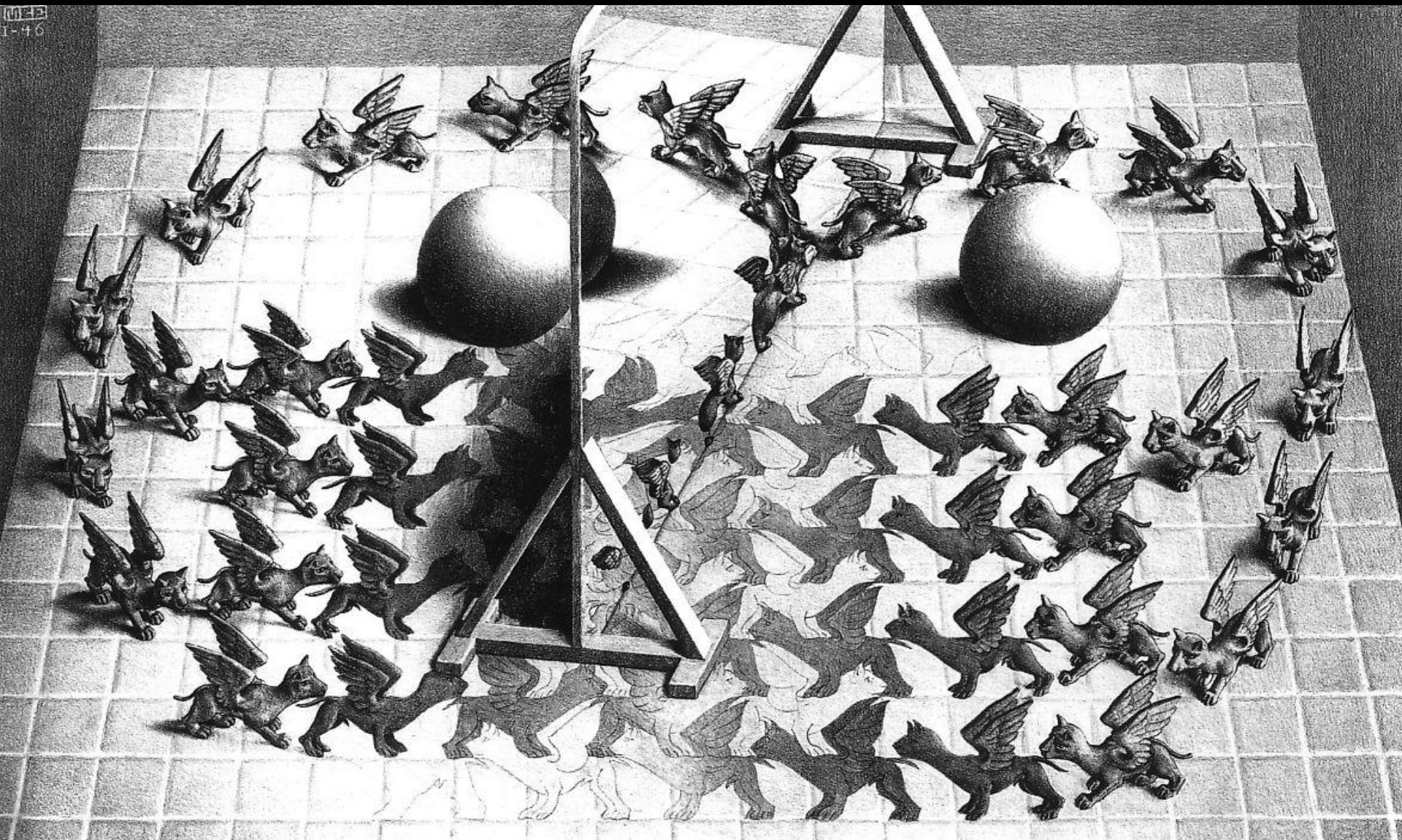




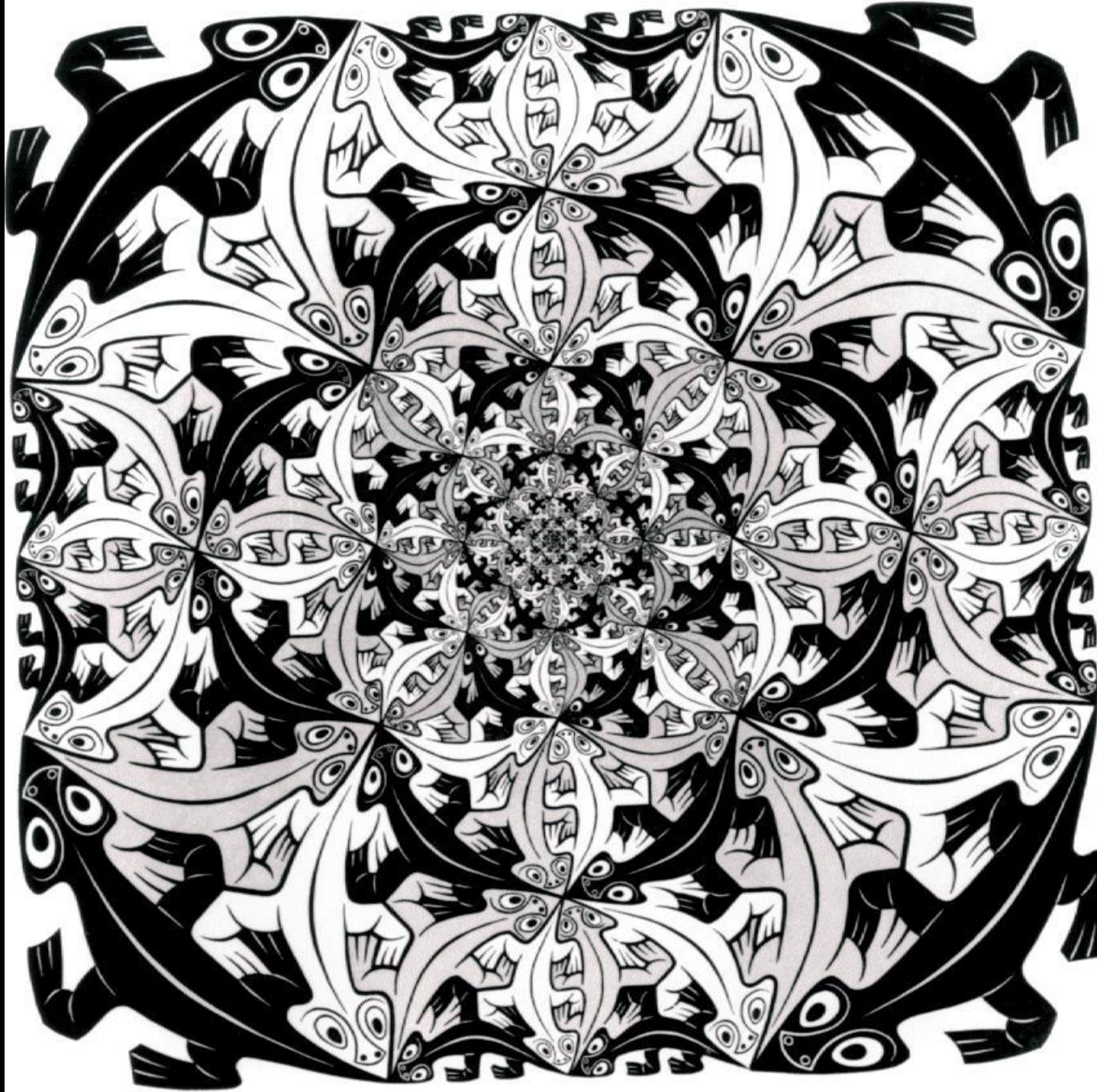


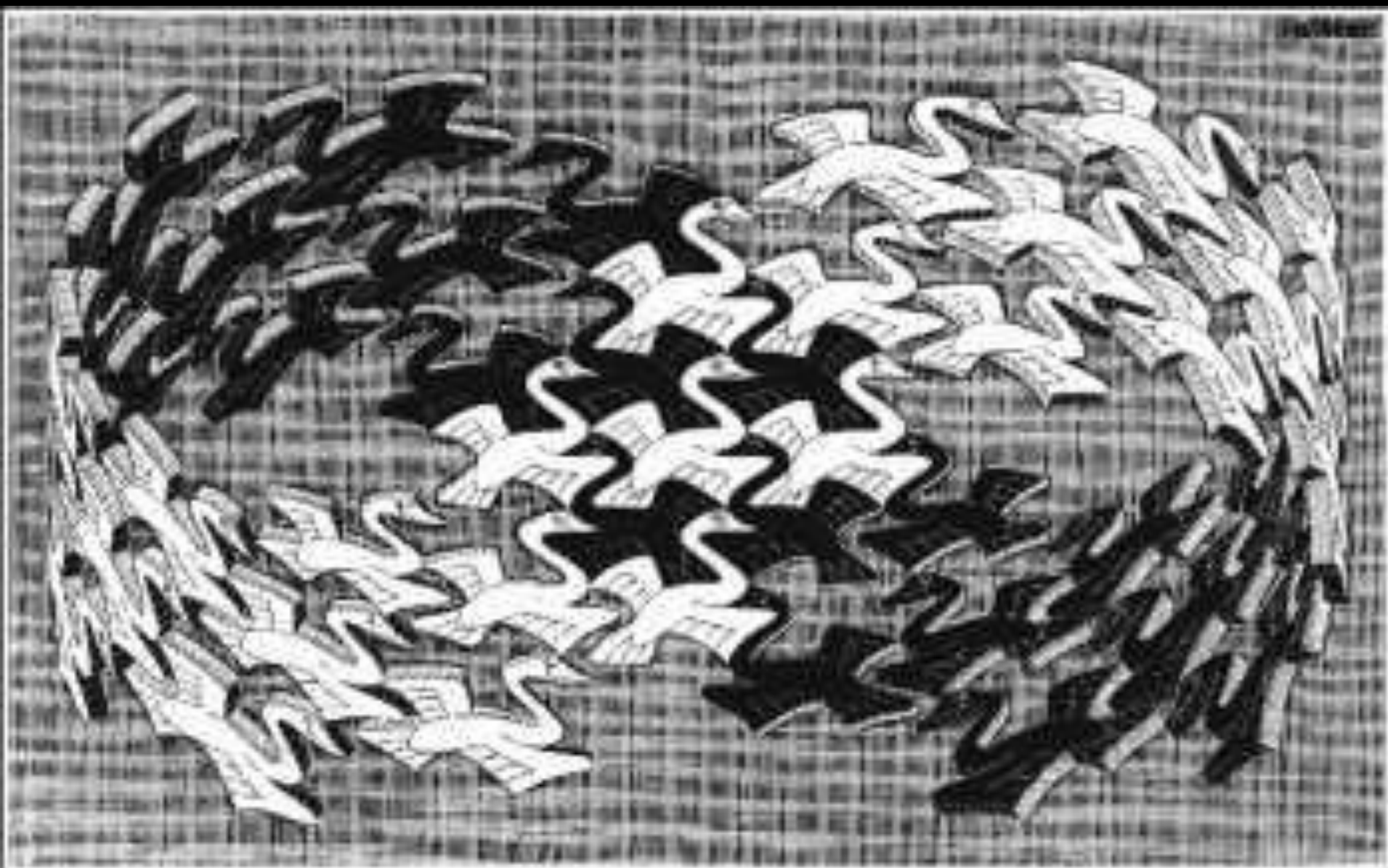


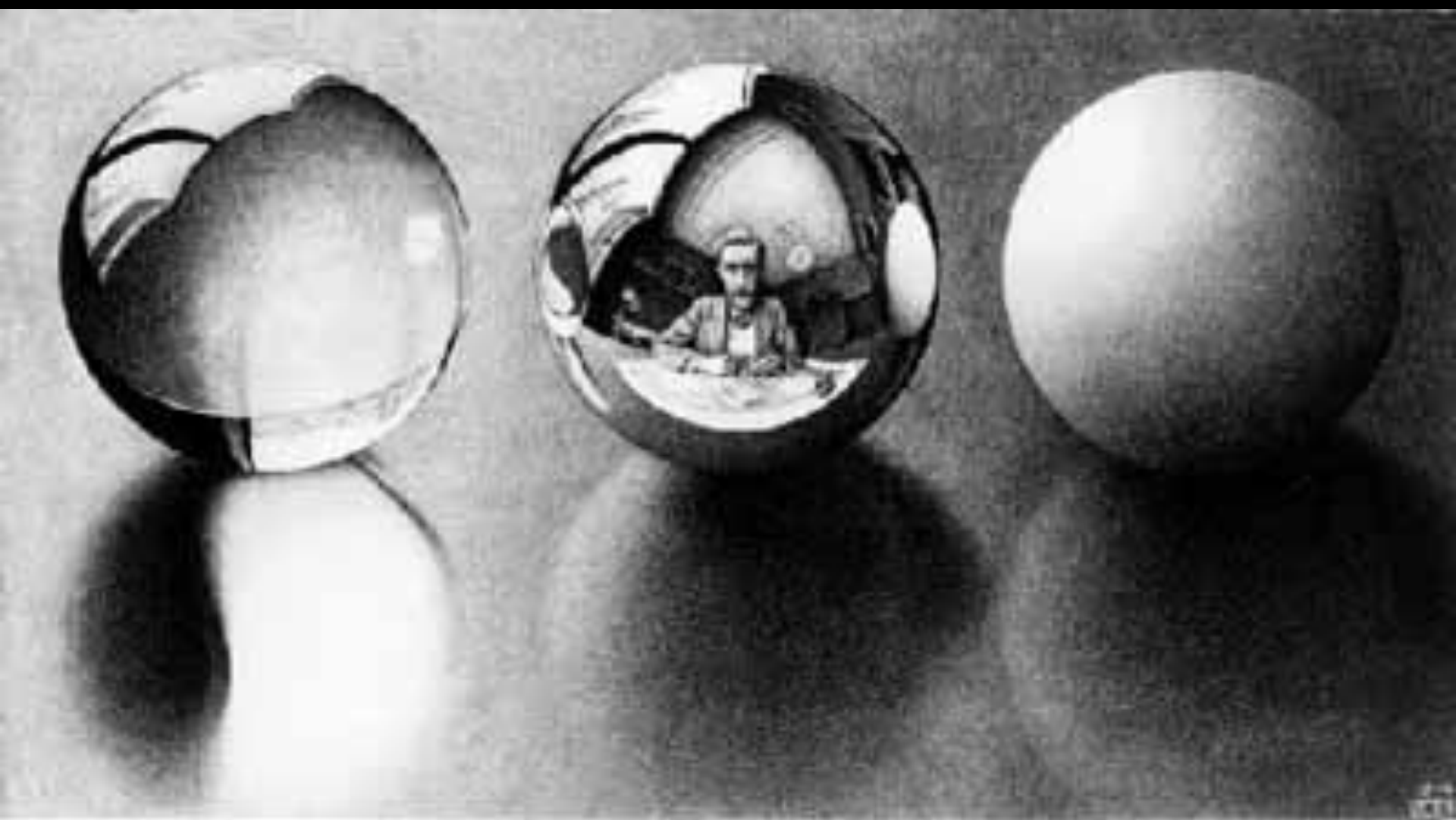
M43
1-46

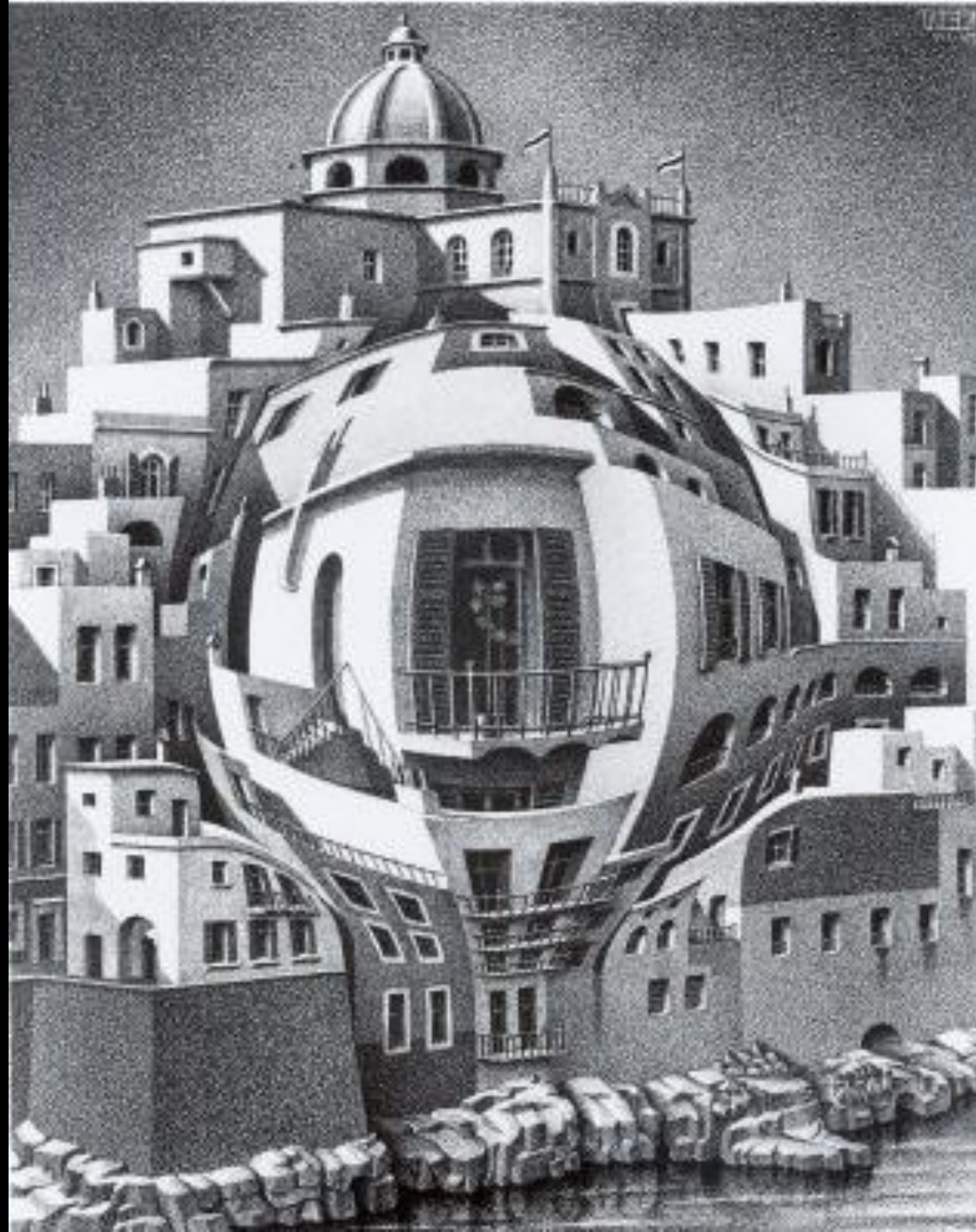


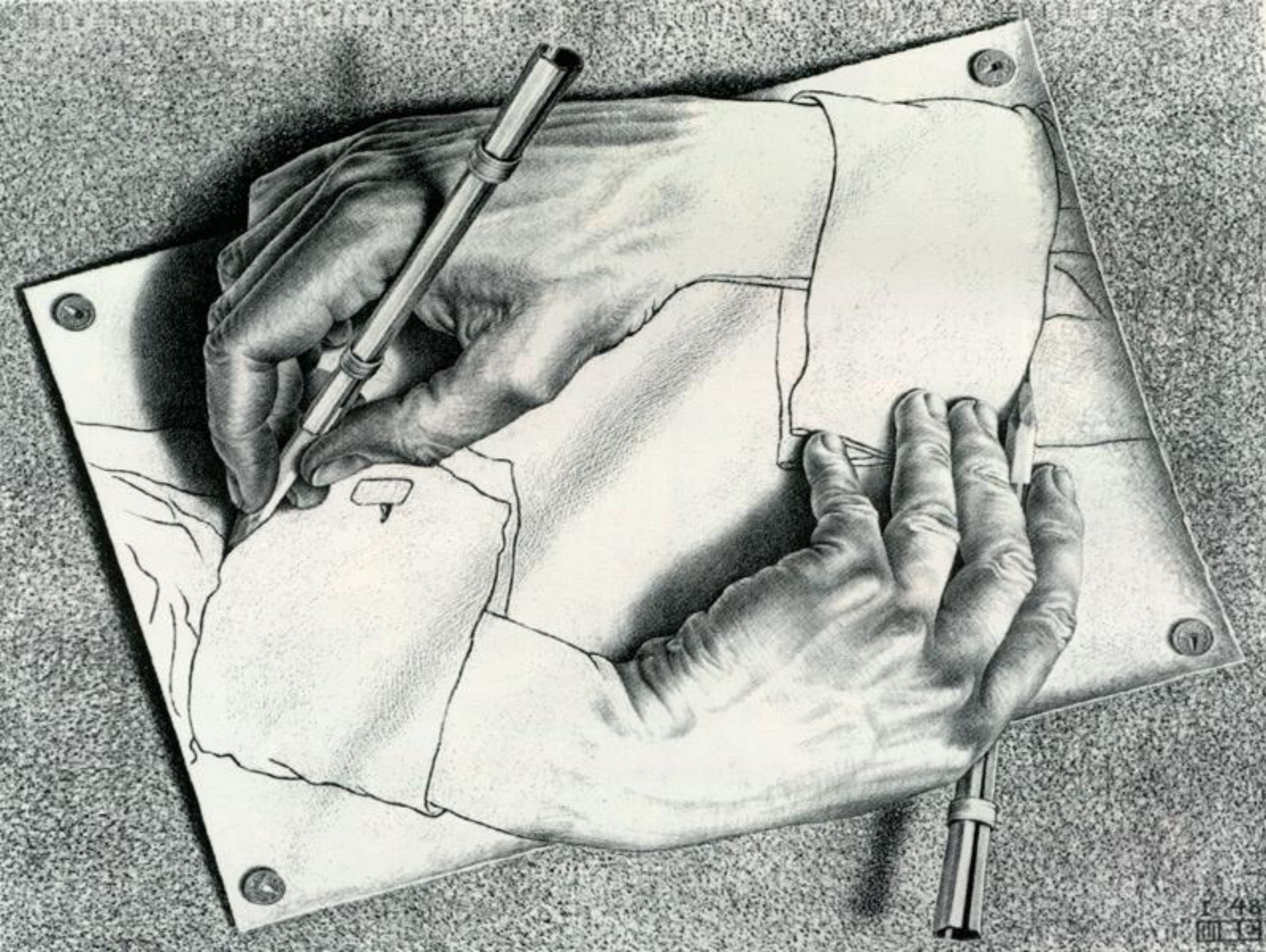
SPAC

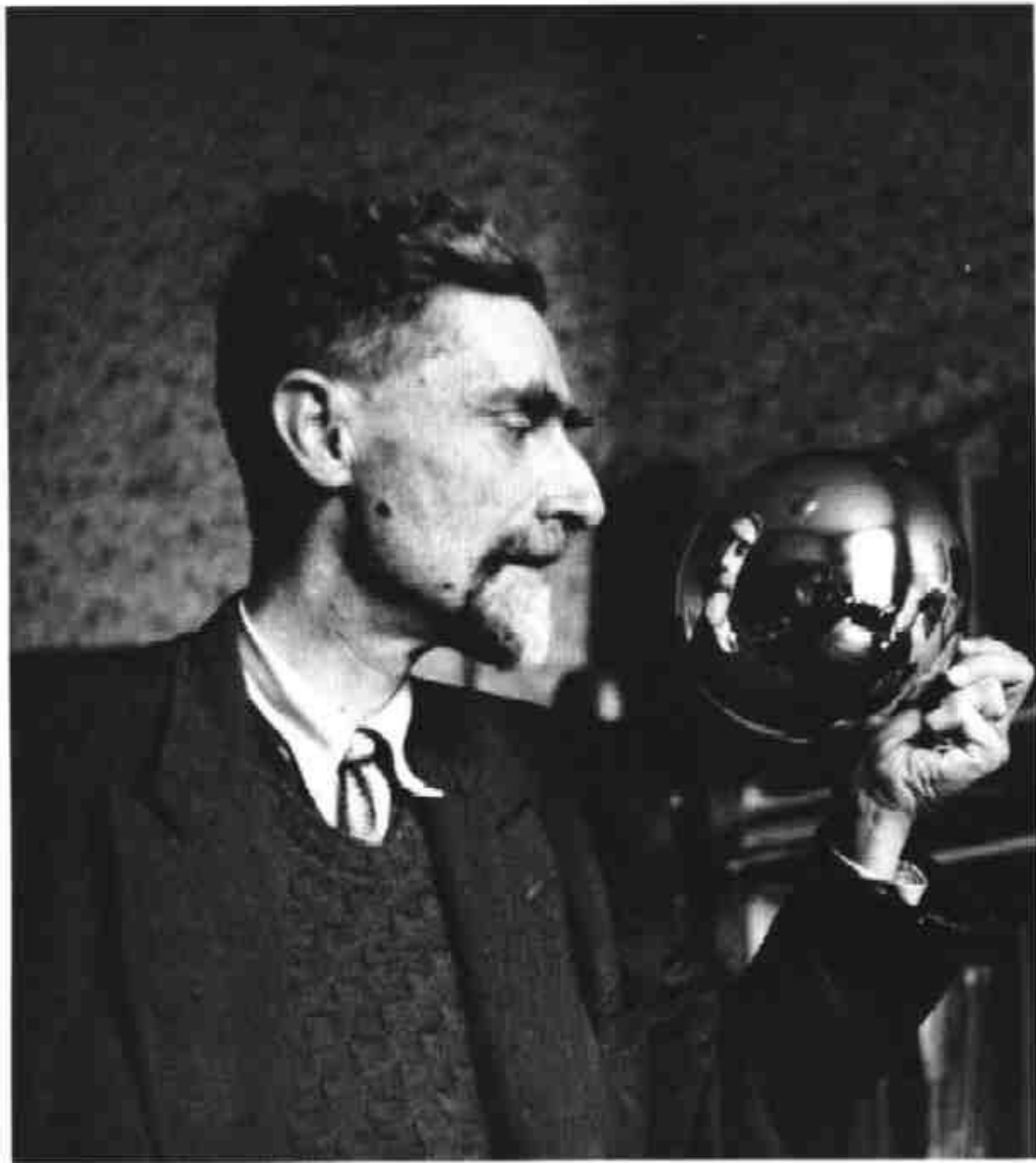












Holanda- Leeuwarden, 17
de Junho de 1898 -
Hilversum, 27 de Março
de 1972)